

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO

JOSÉ GUILHERME MAGALHÃES ALEXANDRE SILVA

EDUCAÇÃO FINANCEIRA E DECISÕES ECONÔMICAS: Um estudo com docentes de
uma instituição privada

Recife
2025

JOSÉ GUILHERME MAGALHÃES ALEXANDRE SILVA

EDUCAÇÃO FINANCEIRA E DECISÕES ECONÔMICAS: Um estudo com docentes de
uma instituição privada

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Faculdade Damas da Instrução Cristã, como
requisito parcial para obtenção ao título de
Bacharel em Administração, sob orientação do
Professor Me. Maurício Ademir Saraiva de
Matos Filho

Recife

2025

Catalogação na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB-4/2116

Silva, José Guilherme Magalhães Alexandre.

S586e Educação financeira e decisões econômicas: um estudo com docentes de uma instituição privada / José Guilherme Magalhães Alexandre Silva. - Recife, 2025.

101 f. : il. color.

Orientador: Prof. Me. Maurício Ademir Saraiva de Matos Filho.

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia - Administração) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2025.

Inclui bibliografia.

1. Educação financeira. 2. Inteligência emocional. 3. Poupança e investimentos. I. Matos Filho, Maurício Ademir Saraiva de. II. Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título

658 CDU (22. ed.)

FADIC(2025.1- 018)

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO

JOSÉ GUILHERME MAGALHÃES ALEXANDRE SILVA

EDUCAÇÃO FINANCEIRA E DECISÕES ECONÔMICAS: Um estudo com docentes de
uma instituição privada

Defesa Pública em Recife, 24 de março de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Professor Me. Maurício Ademir Saraiva de Matos Filho

Professor Convidado: Profa. Dra. Ana Lúcia Neves de Moura

Professor Convidado: Prof. Dr. Gustavo Henrique de Aragão Ferreira

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar a Deus, cujo minha fé é firmada na rocha da palavra de Cristo, de fato posso citar 1 Samuel 7:12 “até aqui me ajudou o senhor!”.

Obrigado especial à minha esposa, pelo amor incondicional, pela paciência e pelo suporte em todos os momentos. Sua compreensão e incentivo foram fundamentais para que eu seguisse firme nesta jornada acadêmica.

Aos meus filhos, que são a minha maior motivação para buscar sempre o melhor. Obrigado por compreenderem as horas que precisei dedicar a este trabalho, mesmo quando isso significava menos tempo com vocês.

Aos meus pais, que desde cedo me ensinaram o valor da educação e do esforço, sou profundamente grato pelos ensinamentos, pelo exemplo e por acreditarem em mim em todas as etapas da minha vida.

Aos professores da Faculdade Damas, meu reconhecimento especial. Suas orientações, sua dedicação e seu compromisso com o ensino foram determinantes para o desenvolvimento deste trabalho. Cada ensinamento e cada palavra de incentivo deixaram marcas significativas no meu crescimento acadêmico e pessoal. Este trabalho é resultado não apenas do meu esforço, mas também do apoio inestimável de todos vocês. Meu sincero obrigado!

Pois, a todo que tem, mais será dado e terá em grande quantidade. Mas, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado.

(Mateus 25:29)

RESUMO

Este trabalho investigou o nível de educação financeira dos docentes de uma instituição privada de ensino superior localizada na zona norte do Recife e analisou como esse conhecimento influencia seu comportamento financeiro, com ênfase nas práticas de poupança e investimento. O objetivo foi compreender a relação entre o grau de alfabetização financeira dos docentes e suas decisões econômicas, considerando os desafios de sua profissão e a influência da inteligência emocional na gestão de recursos. O problema da pesquisa centrou-se em avaliar o nível de educação financeira desses profissionais e como esse fator impacta suas escolhas financeiras. O método adotado foi quantitativo, com a aplicação de um questionário de múltipla escolha que abordou temas como aposentadoria, nível de conhecimento sobre produtos de investimentos, práticas e hábitos de poupança e investimento. Os dados foram comparados à pesquisa nacional "Investidores em Foco" da ANBIMA (2024), permitindo identificar semelhanças e diferenças entre os docentes e a média da população brasileira. A discussão enfatizou que os docentes apresentaram maior preocupação com o planejamento financeiro, destacando-se na construção de reservas para aposentadoria e diversificação de fontes de renda, em comparação à média nacional. Os resultados revelaram um entendimento mais claro entre os professores sobre a importância de gerir recursos financeiros, embora ainda exista dependência significativa da previdência pública. Contudo, práticas como investimento em aplicações financeiras e diversificação de rendas mostraram-se mais frequentes entre os docentes, refletindo o impacto positivo de um maior nível de educação financeira. O estudo contribuiu para evidenciar a relevância da alfabetização financeira e da inteligência emocional como fatores-chave para decisões econômicas mais conscientes e sustentáveis no contexto docente.

Palavras-chave: educação financeira; inteligência emocional; poupança e investimentos.

ABSTRACT

This study investigated the level of financial literacy among faculty members of a private higher education institution located in the northern region of Recife and analyzed how this knowledge influences their financial behavior, with a focus on savings and investment practices. The aim was to understand the relationship between the degree of financial literacy of these educators and their economic decisions, considering the challenges of their profession and the influence of emotional intelligence on resource management. The research problem centered on assessing the financial literacy level of these professionals and how this factor impacts their financial choices. The method adopted was quantitative, using a multiple-choice questionnaire addressing topics such as retirement, knowledge of investment products, savings practices, and investment habits. The data were compared to the national survey "*Investidores em Foco*" conducted by ANBIMA (2024), allowing for the identification of similarities and differences between the faculty members and the Brazilian population average. The discussion highlighted that the faculty exhibited greater concern with financial planning, standing out in building retirement reserves and diversifying income sources compared to the national average. The results revealed a clearer understanding among educators of the importance of managing financial resources, although there remains significant reliance on public pensions. However, practices such as investing in financial applications and income diversification were more frequent among faculty members, reflecting the positive impact of higher financial literacy levels. The study contributed to emphasizing the relevance of financial literacy and emotional intelligence as key factors for making more conscious and sustainable economic decisions in the teaching profession context.

Keywords: financial literacy; emotional intelligence; savings and Investments

Quadro 1 – Vieses comportamentais e seus respectivos autores.....	27
Gráfico 1 – Estado civil.....	40
Gráfico 2 – Gênero	41
Tabela 1 - Comparação do percentual das gerações entre docentes com a pesquisa nacional ANBIMA (2024)	42
Gráfico 3 – Faixa etária	43
Gráfico 4 – Faixa de renda dos docentes.....	44
Gráfico 5 – faixa de renda da população brasileira da pesquisa ANBIMA (2024).....	45
Tabela 2 - Comparação entre a pesquisa ANBIMA (2024) e docentes em relação a quantidade de salários mínimos-	46
Gráfico 6 – Motivos para quem não investe começar a fazer aplicações financeiras.....	49
Gráfico 7 – Motivos para quem não investe continuar NÃO aplicando o dinheiro.....	49
Gráfico 8 – Quais tipos de investimentos você conhece atualmente?	51
Gráfico 9 – Tipos de investimentos você possuídos atualmente.....	52
Tabela 3 - Comparação do tipo de investimento possuído pelos entrevistados em comparação a pesquisa da ANBIMA (2024)	53
Gráfico 10 – Fontes de informação.....	54
Tabela 4 - Comparação entre as fontes de informação sobre investimentos entre os entrevistados e os dados da pesquisa ANBIMA (2024).....	55
Gráfico 11 – Principal canal por onde investe em produtos financeiros.....	57
Gráfico 12 – Qual o principal objetivo do investimento.....	57
Tabela 5 - Comparação entre os objetivos dos investimentos dos docentes e os dados da ANBIMA (2024)	59
Gráfico 13 – principal postura adotada para conseguir economizar.....	60
Gráfico 14 – Destino do dinheiro economizado.....	61
Tabela 6 - Comparação entre os dados da pesquisa com docentes e os da ANBIMA (2024) sobre o destino do dinheiro economizado	62
Gráfico 15 - Vantagens de aplicar o dinheiro em produtos financeiros.....	64
Gráfico 16 – Intenção de poupar para a aposentadoria	65
Gráfico 17 – Expectativa de onde virá o principal sustento na aposentadoria.....	66
Gráfico 18 - Origem do principal sustento da aposentadoria dos docentes aposentados.....	67
Gráfico 19 - Idade na qual planeja se aposentar.....	68

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNC – Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo

FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

IES - Instituição de Ensino Superior

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

PEIC – Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor

PNE - Plano Nacional de Educação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	Justificativa	13
1.2	Objetivos	14
1.2.1	Objetivo geral	14
1.2.2	Objetivos específicos	15
1.3	Estrutura do trabalho	15
2	REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1	Introdução ao tema.....	17
2.2	Inteligência Emocional e Decisões Financeiras	17
2.3	Mentalidade Próspera e Comportamento Financeiro.....	21
2.4	Desafios na profissão de docente e seus impactos financeiros.....	23
2.5	Vieses e Heurísticas.....	24
2.6	Crenças e seus impactos	29
3	MÉTODO	32
4	RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS	38
4.1	Ligaçāo com a pesquisa da ANBIMA	38
4.2	Resumo da Análise de Dados	38
4.3	Análise de dados	38
4.3.1	Estado civil	39
4.3.2	Gênero	41
4.3.3	Faixa etária	42
4.3.4	Renda familiar	44
4.3.5	Motivos para quem não investe começar a investir	47
4.3.6	Motivos para não investir	48
4.3.7	Conhecimento sobre investimentos	50
4.3.8	Utilização de produtos de investimentos.....	52
4.3.9	Principais fontes de informação.....	55
4.3.10	Principal canal por onde investe em produtos financeiros.....	56
4.3.11	Principal objetivo do investimento.....	58
4.3.12	Principal postura adotada para conseguir economizar.....	60
4.3.13	Destino do dinheiro economizado.....	61
4.3.14	Percepção das vantagens de aplicar o dinheiro em produtos financeiros.....	63
4.3.15	Planejamento para aposentadoria	65
4.3.16	Expectativa de onde virá o principal sustento na aposentadoria.....	66
4.3.17	Origem do principal sustento da aposentadoria dos respondentes aposentados	67
4.3.18	Idade na qual planeja se aposentar.....	67
4.4	Propostas para a melhoria da educação financeira dos docentes	69
4.4.1	Formação contínua em educação financeira	69
4.4.2	Planejamento financeiro.....	70
4.4.3	Refinanciar suas dívidas	71
4.4.4	Definindo objetivos.....	72
4.4.5	Criação de reserva financeira.....	72

4.4.5.1	Onde aplicar a reserva financeira.....	73
4.4.6.	Entender a diferença entre poupar e investir.....	74
4.4.7.	Entenda o poder dos juros compostos.....	75
4.4.8.	Busque um consultor financeiro de confiança	75
4.4.8.	Preparando-se para a aposentadoria.....	76
4.4.9	Sucessão	77
5	patrimonial.....	79
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	
	REFERÊNCIAS	82
	APÊNDICE A	88

1 INTRODUÇÃO

O endividamento e a inadimplência no Brasil alcançaram níveis alarmantes, com 78,1% da população brasileira endividada em março de 2024, de acordo com a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC) da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC, 2024). Esse índice abrange apenas o mercado financeiro, sem considerar dívidas contraídas com terceiros, o que evidencia a complexidade do problema financeiro nacional (Domingos, 2022).

Diante desse cenário, a educação financeira torna-se cada vez mais relevante e, em resposta a essa necessidade, tem sido tema de discussões no Senado. Atualmente, tramita o Projeto de Lei (PL) 5.950/2023, proposto pelo Senador Izalci Lucas, que visa incluir educação financeira nos currículos da educação básica. A proposta tem como objetivo capacitar os alunos em finanças pessoais e promover a tomada de decisões financeiras conscientes, preparando-os para administrar recursos financeiros ao longo da vida. Embora a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) já inclua a educação financeira como tema transversal (Ditta *et al.*, 2021), o PL busca tornar o conteúdo de educação financeira e de administração financeira obrigatório e formal nos currículos, com um foco mais estruturado e profundo.

Nesse contexto, Domingos (2022, p. 10) destaca que

a educação financeira pode se transformar em uma das principais responsáveis pelo crescimento e desenvolvimento de um país, desde que seja entendida e aplicada como uma ciência humana, que trabalha o comportamento das pessoas, disseminando conceitos de consumo consciente e atenção ao dinheiro.

Essa perspectiva reforça a importância de uma abordagem que vá além do conhecimento técnico e leve em consideração os fatores comportamentais.

A tomada de decisões financeiras não depende apenas do conhecimento técnico, mas é também fortemente influenciada por fatores emocionais. Kahneman (2011) explica que as emoções desempenham um papel determinante nas escolhas que feitas, influenciando a maneira como é avaliado os riscos e recompensas. Assim, compreender o impacto das emoções torna-se essencial para um comportamento financeiro mais consciente e equilibrado, especialmente em contextos onde o controle emocional pode evitar decisões impulsivas ou prejudiciais.

Considerando essas variáveis, esta pesquisa busca compreender como o nível de educação financeira dos docentes de uma instituição de ensino superior privada, localizada na zona norte do Recife, reflete em suas práticas de poupança e investimento. Diante desse contexto, a pergunta de pesquisa que orienta este trabalho é: Qual é o nível de educação financeira dos docentes de uma instituição privada de ensino superior localizada na zona norte do Recife, e como esse conhecimento influencia seu comportamento financeiro, especialmente nas práticas de poupança e investimento?

1.1 Justificativa

A volatilidade econômica pode impactar significativamente a vida dos docentes de ensino superior, especialmente no setor privado, como de qualquer cidadão. Com a recente flexibilização das leis trabalhistas no Brasil, os contratos temporários, a terceirização e a precarização das condições de trabalho se intensificaram, afetando diretamente os docentes universitários. A reforma trabalhista de 2017, por exemplo, aumentou a flexibilidade contratual, permitindo às instituições de ensino contratarem docentes sob regimes menos estáveis, como autônomos e temporários. Esses profissionais, muitas vezes, têm jornadas de trabalho fragmentadas em várias instituições, recebendo salários menores e benefícios reduzidos (Gomes; Soria, 2022). Segundo dados do Censo da Educação Superior, entre 2015 e 2019, houve uma queda de 6% no número de vínculos formais no ensino superior privado, revelando uma tendência de declínio na criação de postos de trabalho para docentes no setor (Inep, 2015, 2019).

Ao examinar o comportamento financeiro desses profissionais, este estudo pode identificar padrões, lacunas e crenças que impactam negativamente suas decisões financeiras.

A contribuição teórica do trabalho está ancorada na interseção entre a educação financeira e a inteligência emocional, alinhada a autores como Daniel Goleman (2011), Daniel Kahneman (2012), Tiago Brunet (2018) entre outros que foram citados ao longo do trabalho. Esses conceitos permitem explorar como fatores emocionais afetam as escolhas financeiras, algo ainda pouco investigado no segmento de docentes universitários. Essa perspectiva oferece uma contribuição teórica original ao ampliar a discussão da educação financeira para além do conhecimento técnico, incorporando o papel da gestão emocional nas decisões financeiras cotidianas.

Do ponto de vista prático, os resultados do estudo poderão embasar programas de orientação financeira direcionado para os docentes, focando em suas necessidades específicas e oferecendo estratégias mais assertivas para a gestão de seus recursos. Além disso, poderá servir de base para políticas institucionais voltadas ao bem-estar financeiro, ajudando a reduzir o estresse financeiro, que muitas vezes compromete a qualidade de vida e o desempenho profissional (ANBIMA, 2024).

A importância social deste estudo é evidenciada pelo impacto que a educação financeira pode ter na vida dos docentes. Ao aprofundar a análise do comportamento financeiro, este trabalho também contribui para um debate mais amplo sobre a necessidade de capacitação financeira em ambientes educacionais. A partir dessa análise, será possível sugerir caminhos que favoreçam uma tomada de decisão mais consciente e estratégica em relação às finanças pessoais, com vistas à realização dos projetos de vida de forma mais acelerada e eficaz.

Por fim, este estudo oferece uma nova perspectiva ao explorar um público frequentemente negligenciado em pesquisas sobre finanças pessoais, estudos de larga escala, como os promovidos pela Datafolha, Banco Central e Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (ANBIMA), que geralmente analisam o comportamento financeiro da população em geral ou de segmentos específicos como investidores e consumidores endividados, mas raramente incluem recortes dedicados exclusivamente a docentes universitários. Além disso, a pesquisa "Investidores em Foco" da ANBIMA (2024) enfatiza perfis de investidores e o comportamento financeiro do brasileiro médio, mas não segmenta os dados especificamente para a categoria docente — de instituições privadas de ensino superior. Esse recorte não apenas amplia o campo de estudo, como também possibilita a proposição de práticas que possam ser aplicadas de forma mais abrangente em outros contextos educacionais.

1.2 Objetivos

Nesta seção serão apresentados os objetivos geral e específicos.

1.2.1 Objetivo geral

Analisar como o nível de educação financeira dos docentes de uma instituição privada de ensino superior localizada na zona norte do Recife influencia seu comportamento financeiro, nas práticas de poupança e investimento.

1.2.2 Objetivos específicos

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivos específicos:

- a) Investigar qual a relação entre o hábito de poupar e o nível de investimentos dos docentes;
- b) Compreender o nível do entendimento dos docentes da instituição de ensino superior em relação a investimentos;
- c) Comparar as respostas obtidas com a pesquisa da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais;
- d) Propor estratégias ou sugestões para melhorar a educação financeira dos docentes, com foco na promoção de comportamentos financeiros mais saudáveis e conscientes.

1.3 Estrutura do trabalho

O trabalho está organizado em 5 capítulos, conforme descrito a seguir:

- a) Introdução: apresenta a contextualização do tema, a delimitação do problema de pesquisa, os objetivos do estudo (geral e específicos), a justificativa e a relevância do tema escolhido.
- b) Referencial teórico: aborda os principais conceitos teóricos relacionados ao tema, incluindo educação financeira, inteligência emocional, e outros fundamentos relevantes para o estudo.
- c) Método: detalha o tipo de pesquisa realizada, métodos procedimentos metodológicos utilizados, a descrição da amostra, o instrumento de coleta de dados e a forma de análise dos dados.
- d) Resultados e análise: apresenta os dados obtidos na pesquisa, realiza a análise dos resultados e os compara com as referências teóricas e dados secundários, como a pesquisa da ANBIMA (2024). Apresenta propostas para a melhoria da educação

financeira dos docentes, com sugestões e indicações de atitudes que contribua com a saúde financeira dos docentes

- e) Conclusão: retoma os objetivos do trabalho, apresenta as considerações finais com base nos resultados alcançados, aponta as limitações do estudo e sugere possibilidades para pesquisas futuras.

Por fim, como Apêndice, o TCC apresenta o questionário utilizado no estudo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico está apresentado em seis seções que discutem sobre a relevância da educação financeira e sua relação com a inteligência emocional e o comportamento econômico; e os vieses que afetam a forma como as pessoas processam informações financeiras.

2.1 Introdução ao tema

É útil orientar o leitor sobre o tema abordado antes de introduzir o assunto de maneira mais abrangente, para ter uma boa noção do que será explanado é importante entender o conceito de educação financeira: Saber administrar os recursos pessoais de maneira a tomar as melhores decisões através de conhecimentos básicos sobre finanças, como é dito por Coutinho e Teixeira (2013).

Pode-se dizer ainda que administrar as finanças pessoais vai muito além de uma decisão puramente racional e é por esse motivo que, para complementar, Lima (2020) explica que são diversos os fatores para uma tomada de decisão, envolvendo crenças, valores, estado de espírito, percepções, preconceitos, motivações e hábitos.

Desta forma, a educação financeira ajuda a formar cidadãos conscientes e preparados, para que esses tenham uma melhor percepção na hora da tomada de decisão, não se deixando influenciar por crenças como dito anteriormente (Coutinho; Teixeira, 2013).

2.2 Inteligência Emocional e Decisões Financeiras

Há importância na discussão de como as emoções afetam o comportamento financeiro, o autor Daniel Goleman (2011) é referência no assunto. Psicólogo, jornalista e escritor renomado, amplamente reconhecido por seu trabalho no campo da inteligência emocional. Sua obra mais famosa, "Inteligência Emocional" (Goleman, 2011), popularizou o conceito de que habilidades emocionais, como a autoconsciência, a empatia e o autocontrole, são tão importantes quanto o QI (quociente de inteligência) para o sucesso pessoal e profissional. Goleman (2011) argumenta que a inteligência emocional é um fator chave para o bem-estar e

para a eficiência no ambiente de trabalho, destacando sua relevância no gerenciamento de conflitos, liderança e no desenvolvimento de relacionamentos saudáveis.

Decisões financeiras não são puramente racionais e sim à medida que a intensidade das emoções em nosso cérebro emocional aumenta, mais dominante ele se torna e mais impotente fica o cérebro racional (Goleman, 2011). Desta forma que, cotidianamente, pessoas tomam decisões de compras por impulso ou tem dificuldade de seguir um orçamento rígido.

Observa-se que muitas pessoas enfrentam a necessidade de tomar decisões que desafiam seu autocontrole. Dificuldades nesse aspecto tendem a surgir especialmente quando há um intervalo de tempo entre a escolha a ser feita e suas respectivas consequências (Thaler; Sunstein, 2023).

Consequentemente, frisar a necessidade da consciência emocional, conhecer as próprias emoções, ter autocontrole para que em momentos de estresse financeiro ou incerteza econômica possa melhor gerenciar suas finanças. Conhecer os próprios sentimentos, no momento em que eles ocorrem, é a chave da inteligência emocional (Goleman, 2011).

Nesta seção inicial é crucial também apresentar a importância da educação financeira na vida dos docentes, uma classe que lida com desafios específicos como contratos de trabalhos temporários possibilitados a partir da reforma trabalhista de 2017 (Gomes; Soria, 2022) e remuneração não condizente com seu valor. O relatório do 3º ciclo de monitoramento das metas do Plano Nacional de Educação (PNE, 2020), menciona que o rendimento bruto dos profissionais de educação no âmbito da educação básica é significativamente menor ao de outros profissionais do mesmo nível educacional. A pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) relata o mesmo quando se trata de profissionais de educação superior.

Segundo o pesquisador, no caso das pessoas formadas na área da educação, embora uma parcela relativamente alta desses profissionais trabalhe em ocupações relacionadas à sua formação, os efeitos associados à qualificação mais geral adquirida por esse grupo se mostram menores em comparação com indivíduos de outras áreas (IPEA, 2023, p. 26).

Além disso, uma reportagem apresentada por Queiroz (2023) na revista de pesquisa FAPESP destaca que, embora desempenhem um papel essencial na formação da sociedade, os profissionais da educação superior enfrentam desafios que envolvem a valorização da carreira, o que inclui aspectos econômicos e de condições de trabalho. Esse cenário enfatiza a necessidade de uma abordagem mais atenta aos fatores financeiros e emocionais que

impactam esses profissionais, considerando que, além das exigências acadêmicas e administrativas, eles frequentemente lidam com pressões adicionais que afetam sua qualidade de vida. Dessa forma, a educação financeira torna-se uma ferramenta potencial para auxiliar esses docentes a enfrentarem as adversidades econômicas que marcam sua rotina.

Por outro lado, o que poderia fazer uma pessoa em condições como essas ter sucesso em suas finanças? É importante compreender que gestão financeira eficiente não depende apenas do valor recebido, mas sim de como se administra e organiza esse recurso, por menor que ele seja. Pesquisas em finanças comportamentais demonstram que, embora a renda limitada seja um desafio real, a capacidade de poupar e investir é também influenciada pela habilidade de tomar decisões conscientes, estabelecer prioridades e controlar impulsos de consumo (Thaler; Sunstein, 2008). A confiança na capacidade de gerir o próprio dinheiro e tomar as melhores decisões financeiras com planejamento, sendo otimista e acreditando em si mesmo, de forma profunda, são atitudes e sentimentos que fazem parte de pessoas que alcançam seus objetivos (Goleman, 2011). É por isso que Brunet (2018) também relata que confiança em si mesmo é fator decisivo no comportamento financeiro para alcançar o objetivo pretendido ou não tomar decisões precipitadas. Dinheiro é uma questão de controle emocional.

Portanto, há indícios de que as emoções são responsáveis por moldar a forma como os docentes gerenciam suas finanças, influenciando, desta forma, a elaboração de seus orçamentos e até a forma que lidam com dívidas. Sendo assim, já é possível compreender que, mais do que números, o dinheiro está diretamente ligado a uma relação emocional, de crenças e medos (Brunet, 2018).

Pode-se ainda relatar a importância da inteligência emocional no âmbito conjugal, o impacto da inteligência emocional nas decisões financeiras em casal demonstra como o equilíbrio emocional influencia a forma como indivíduos lidam com desafios financeiros, tornando o ambiente conjugal um fator de segurança ou de instabilidade econômica. "As relações duradouras e satisfatórias [...] permitem que o sistema conjugal se torne um refúgio em relação aos estressores externos, bem como a matriz para o contato com outros sistemas sociais" (Norgren *et al.*, 2004, p. 579).

Com isso exposto, esse trabalho visa analisar o nível de educação financeira dos docentes de uma instituição privada de ensino superior da zona norte do Recife e compreender como esse conhecimento influencia seu comportamento financeiro,

especialmente nas práticas de poupança e investimento, pois o processo de decisão vem da forma que as pessoas buscam atender suas vontades, necessidades e desejos e como esse desejo é influenciado pelo conhecimento (Lima *et al*, 2020).

Para isso, será usado a pesquisa realizada pela Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (ANBIMA) - entidade autorreguladora do mercado de capitais que visa informar, representar, educar e autorregular bancos, gestoras, corretoras, entre outros (ANBIMA, 2024).

O 7º relatório do raio-x do investidor brasileiro publicado pela ANBIMA, em 2024 em parceria com o Datafolha, entrevistou uma amostra de 5.814 respondentes. Este relatório será o que norteará a base de comparação da pesquisa deste trabalho. Com um questionário baseado nesta pesquisa para fazer a comparação. As questões são encontradas no apêndice A, lembrando que não há resposta correta, mas respostas que visam entender o perfil do respondente.

A pesquisa realizada pela ANBIMA (2024) traça um panorama detalhado sobre o perfil, comportamento e motivações do investidor brasileiro, sendo esta a razão do uso da pesquisa para comparar os resultados obtidos com os docentes da instituição privada de ensino superior. É importante destacar que a pesquisa foi realizada com pessoas de diversas classes, profissões e em âmbito nacional, não sendo realizada exclusivamente com docentes de instituições privadas de ensino superior, desta forma a comparação feita é entre amostras distintas e grupos diferentes, considerando as limitações dessa abordagem, porém os dados da ANBIMA (2024) serviram como um parâmetro geral para compreender aspectos amplos do comportamento financeiro, permitindo reflexões sobre possíveis tendências ou desafios compartilhados entre os grupos.

Desta forma, dos resultados da pesquisa da ANBIMA (2024), pode-se destacar alguns pontos principais como o perfil, sendo a maioria de classe média, com aumento no número de jovens e *boomers* investidores, 34% em 2022 contra 35% em 2023 os com idade entre 16 a 27 anos (geração Z). O destaque de participação está na geração Y (de 28 a 42 anos em 2023) com 39% de presença como investidor no ano de 2023, permanecendo estável em relação a 2022. A geração X (de 43 a 62 anos em 2023) teve presença de 37% em 2023 como investidora - aumento de 1 ponto percentual em relação a 2022 (36%), e os *Boomers* (a partir de 63 anos) com presença de 37% como investidor e uma crescente de 3% em relação a 2022 que eram de 34%.

Cresce também a presença de mulheres no mercado financeiro como investidoras, um crescimento notável nos últimos anos. Segundo dados da B3, o número de mulheres investidoras em ativos de renda variável aumentou impressionantes 658% nos últimos cinco anos. Em dezembro de 2023, havia cerca de 951,9 mil mulheres investindo em ações, 903,6 mil no Tesouro Direto e 641,9 mil em fundos imobiliários, o que demonstra uma diversificação crescente nas escolhas de investimento feminino (Frabasile, 2024). Porém ainda são minoria entre a população.

A pesquisa "Raio X do Investidor Brasileiro" da ANBIMA (2024) em parceria com o Datafolha destacou que, em 2023, 35% das mulheres entrevistadas declararam aplicar em algum produto financeiro, um crescimento em relação a anos anteriores (28% em 2021). Esse aumento reflete um maior interesse em educação financeira, além de esforços para promover a inclusão de mulheres no mercado de capitais. A principal motivação feminina para investir é a segurança financeira, mencionada por 38% das entrevistadas, reforçando a busca por estabilidade e independência econômica (ANBIMA, 2024).

Em relação ao tipo de investimento selecionado, a população brasileira prefere a renda fixa e predominantemente a Poupança, seguindo-se de Certificado de Depósitos Bancários (CDB) e Tesouro Direto. Observou-se o aumento da procura por renda variável seja por meio de ações ou fundos de investimentos. Contrariando o que apontou a pesquisa, investidores com maior 'apetite ao risco' tendem a demonstrar mais confiança e a assumir escolhas mais arriscadas, pois possuem menor percepção de perdas em caso de decisões equivocadas (Solomon, 2016).

Desta forma, a maioria dos respondentes tem perfil de comportamento financeiro mais conservador preferindo a segurança à rentabilidade agressiva. A pesquisa ainda destaca a importância da educação financeira apontando que investidores com um maior nível de informação tendem a tomar as melhores decisões, o que Domingos (2022, p. 3) também concorda:

Educação Financeira é uma ciência humana que busca a autonomia financeira, fundamentada por uma metodologia baseada no comportamento, com o objetivo de construir um modelo mental que promova a sustentabilidade, crie hábitos saudáveis e proporcione o equilíbrio entre o SER, o FAZER, o TER e o MANTER, como escolhas conscientes para a realização de sonhos e necessidades.

2.3 Mentalidade Próspera e Comportamento Financeiro

A prosperidade é uma mistura de pensamentos e emoções, é através de uma mentalidade próspera que se alcança uma conta bancária bem sucedida (Brunet, 2018). Pode-se definir prosperidade como “o estado ou qualidade do que é próspero, ou seja, bem sucedido, feliz e afortunado” (Significados, 2024, n.p.).

Ora, felicidade é um sentimento, contudo, ser afortunado depende do montante que se tem guardado, vê-se assim mais uma vez que há uma ligação entre o sentimento e o material. Ainda conforme a enciclopédia geralmente a prosperidade está ligada a abundância de bens e riquezas materiais que é caracterizada pelo constante desenvolvimento e progresso (Significados, 2024)

Para complementar, alcançar a independência financeira não é algo que demande apenas conhecimentos econômicos ou matemáticos elaborados (noções de matemática financeira, orçamento e controle de fluxo de caixa, planejamento tributário e gestão de riscos) (Brigham; Ehrhardt, 2017). Trata-se mais de comportamento, conhecimento de si próprio, estilo de vida, relacionamento com o dinheiro, trabalho e crédito (Kahneman, 2011). Tendo escolhas estratégicas e conscientes (Guia *et al.* 2023).

Um artigo apresentado por Lusardi e Mitchell (2013) reforça que a educação financeira desempenha um papel crucial no desenvolvimento de habilidades essenciais para a gestão eficaz dos recursos financeiros, ela permite que os indivíduos formulem julgamentos inteligentes e tomem decisões eficientes no uso e gestão do dinheiro, fortalecendo sua capacidade de lidar com as finanças.

Ainda segundo os mesmos autores, além de ser uma competência técnica, a educação financeira tem um impacto direto na qualidade de vida, o artigo reforça essa ideia ao destacar que a alfabetização financeira reduz erros econômicos, aumenta a segurança financeira e promove melhores condições de vida, principalmente em relação à capacidade de lidar com crises e imprevistos financeiros. Uma das conclusões é que indivíduos com maior educação financeira têm mais bem-estar econômico e menos ansiedade financeira (Lusardi; Mitchell, 2013).

Pode-se reforçar esse argumento a partir dos resultados da ANBIMA (2024) que mostram que mais da metade dos brasileiros (57%) relatou alto nível de estresse financeiro, causado principalmente por preocupações com despesas, falta de dinheiro e dificuldades para pagar contas em dia. Esses fatores são amplificados pelo medo de perder fontes de renda, citado por 56% dos entrevistados. O impacto é ainda maior entre mulheres e classes sociais

mais vulneráveis, como as classes D/E, onde o estresse financeiro atinge 62% da população entrevistada.

Além disso, o estudo aponta que 34% das pessoas tiveram gastos superiores à renda nos meses anteriores à pesquisa, e 49% relataram dificuldades para descansar adequadamente devido a preocupações financeiras. Esses fatores mostram como as finanças afetam não apenas a estabilidade econômica, mas também a saúde mental e o bem-estar geral dos indivíduos (ANBIMA, 2024).

Esses dados, da população em geral, reforçam a necessidade de ampliar o acesso à educação financeira. Podendo contribuir para que ajude os docentes a gerenciarem melhor seus recursos e mitigar o estresse financeiro. Estresse esse que tem efeitos profundos em diferentes aspectos da vida, a má gestão financeira pode levar a endividamento excessivo, enquanto a boa gestão resulta em maior estabilidade, o que influencia positivamente outros aspectos da vida, como saúde e relacionamentos (Lusardi; Mitchell, 2013)

Guia *et al.* (2023) complementam que a relevância da educação financeira, contudo, não se limita ao domínio técnico. As finanças comportamentais, por exemplo, consideram a influência dos fatores emocionais e psicológicos na tomada de decisões financeiras. Ao contrário das teorias tradicionais, que assumem que as decisões são sempre racionais, as finanças comportamentais optam por uma abordagem mais realista, reconhecendo que o fator humano é determinante nesse processo. Isso mostra que a educação financeira deve ser acompanhada de um autoconhecimento profundo e uma gestão emocional adequada, permitindo ao indivíduo não apenas compreender os números, mas também mitigar os vieses cognitivos que podem comprometer suas escolhas.

2.4 Desafios na profissão de docente e seus impactos financeiros

A temática do controle emocional é particularmente relevante para os docentes, que frequentemente enfrentam desafios únicos relacionados à sobrecarga emocional. O ambiente educacional, muitas vezes marcado por pressões relacionadas ao desempenho, à formação contínua e à necessidade de lidar com múltiplas demandas, pode contribuir para um desgaste emocional significativo Abreu *et al.* (2024).

Essa sobrecarga, associada à falta de segurança financeira, pode prejudicar a capacidade de tomar decisões conscientes e equilibradas em relação às finanças, afetando o

emocional, consequentemente trazendo um descontrole financeiro. E é por isso que quem aprende a dominar as emoções dá o primeiro passo para ser financeiramente saudável (Brunet, 2018).

Nesse contexto, a educação financeira torna-se uma ferramenta essencial para os docentes, não apenas para o desenvolvimento técnico de habilidades, mas também como uma estratégia de fortalecimento emocional. A capacidade de alinhar o autoconhecimento com a gestão de finanças possibilita que esses profissionais tomem decisões mais racionais e planejadas, evitando comportamentos impulsivos que possam prejudicar o equilíbrio financeiro a longo prazo (Guia *et al.*, 2023). Além disso, o desenvolvimento de uma mentalidade financeira equilibrada pode contribuir para um maior bem-estar pessoal e, consequentemente, refletir na qualidade de vida e desempenho profissional (Guia *et al.*, 2023).

2.5 Vieses e Heurísticas

A abordagem do presente assunto teve a contribuição do Daniel Kahneman (2011), um psicólogo premiado com o Prêmio Nobel de Economia em 2002, conhecido por suas pesquisas no campo da economia comportamental e pela compreensão dos vieses cognitivos que afetam a tomada de decisões. Sua obra mais famosa é *Rápido e Devagar: Duas Formas de Pensar* (2011), na qual ele explora dois sistemas de pensamento: o "sistema 1", rápido e intuitivo, e o "sistema 2", mais lento, deliberado e racional. Kahneman mostra como, na maioria das vezes, confia-se no pensamento rápido para tomar decisões, o que torna os indivíduos suscetíveis a erros e vieses.

Outro trabalho significativo de Kahneman (1981) é sua contribuição ao conceito de Teoria da Perspectiva, apresentada em colaboração com Amos Tversky (1981). Esse modelo desafia a visão tradicional da economia¹, mostrando que as pessoas não tomam decisões de maneira puramente racional. Elas dão maior peso às perdas do que aos ganhos, o que leva a comportamentos inconsistentes, especialmente em contextos de incerteza. Essas ideias revolucionaram o entendimento da economia e da psicologia aplicada à tomada de decisões financeiras e são essenciais para estudos sobre comportamento econômico. Conclui-se que a

¹ A economia é uma ciência social que se dedica ao estudo dos processos de produção, intercâmbio (troca) e consumo de bens e serviços. O vocábulo deriva do grego e significa “administração de um lar ou família”. (Conceito, 2021)

Teoria da Perspectiva, ao demonstrar que as decisões humanas são frequentemente guiadas por vieses emocionais e cognitivos, revela a importância de integrar a psicologia ao estudo econômico (Tversky; Kahneman, 1981).

Sobre o assunto existem duas vertentes que se chocam, autores que trouxeram contribuições na área de economia e são indispensáveis para a formulação do raciocínio do tema, autores tradicionais conhecidos como Adam Smith (1779) em sua obra *Riqueza das Nações* defende a racionalidade dos agentes econômicos argumentando que os autores econômicos possuem informações suficientes para a tomada de decisão racional e também Léon Walras (1874) em sua obra *Elements of Pure Economics: Or, The Theory of Social Wealth (Elementos da Economia Pura: Ou, A Teoria da Riqueza Social)* considera o conceito de modelos de equilíbrio geral, assumindo que os agentes avaliam todos os custos e benefícios de forma lógica para tomar decisões ótimas. Por outro lado, Simon (1974), Kahneman e Tversky (1974) relatam que acontecimentos de bolhas nos mercados de capitais levam aos participantes nem sempre tomarem decisões racionais.

Desta forma, os vieses cognitivos podem ser entendidos como distorções recorrentes no processo de decisão, originadas pela confiança em heurísticas de julgamento. Essas heurísticas são estratégias simplificadas utilizadas para fazer avaliações e escolhas em contextos de incerteza. Embora sejam úteis para o funcionamento cognitivo humano, elas podem resultar em falhas sistemáticas significativas (Tversky; Kahneman, 1974; Kahneman, 2012).

Andriotta (2023) explica em sua dissertação os 17 tipos de viés com detalhes, que serão explanados aqui de forma resumida. São apresentados diversos autores no Quadro 1, em que cada viés ou Heurística é explicado fazendo uma ligação do conceito ao autor. Importante ressaltar que há uma diferenciação entre vieses e heurísticas, ambas fazem parte de uma área de estudo bastante demandada e abrangente, porém pouco estudada, em que pode ser resumida de tal forma:

- a) Viés: inclinação ou tendência determinada por forças externas, sendo essas forças diretas ou indiretas que levam o indivíduo a agir conforme uma heurística. Assim, o viés pode ser entendido como uma influência ou "força" que atua sobre suas tendências. Esses vieses desempenham um papel importante na concretização ou não dessas inclinações (Bergson, 2014 *apud* Andriotta, 2023).

b) Heurística: é compreendido como um atalho mental, quase que instintivo. “Pode-se dizer ainda que os vieses acionam a Heurística que incide diretamente nas inclinações” (Kahneman, 2012, p. 28). A heurística não é um processo cognitivo que ocorre de maneira completamente inconsciente, irracional ou automática. Pelo contrário, ela simplifica e acelera a seleção final durante o processo de tomada de decisões, baseando-se nas experiências de vida e na percepção do mundo. Mesmo que esse atalho mental leve a ações que possam ser incompletas ou imperfeitas, ele ainda serve como uma forma prática de lidar com a complexidade das escolhas. São três as principais heurísticas: Ancoragem ou Ajuste, Disponibilidade e Representatividade (Thaler; Sunstein, 2023, p. 46-53).

Heurística da representatividade entende-se como um processo no qual a pessoa avalia o evento A como sendo mais provável que o evento B, com base no fato de que A parece mais representativo ou familiar para ela do que B. Esse julgamento ocorre mesmo que, objetivamente, A não tenha maior probabilidade que B, refletindo o uso da heurística de representatividade Kahneman (2012). Pode-se exemplificar da seguinte forma: suponha que João trabalha há anos em uma empresa multinacional de capital aberto chamada Zeta Educação. O João recebe uma gratificação e decide investir parte do seu dinheiro em ações, por a empresa que ele trabalha ser muito representativa para ele, por trabalhar há anos e ter entrado na empresa em um momento de dificuldade na sua vida. João baseia sua decisão de investimento não em comparação racional, analisando se há outras empresas do mesmo segmento que são melhores, mas decide investir na empresa Zeta Educação (A) por fatores emocionais e baseado no que a Zeta representa para ele do que em outra empresa de educação que ele não conhece (B).

A heurística da disponibilidade sugere que, em certas situações, as pessoas avaliam a relevância ou importância de um acontecimento com base na facilidade com que conseguem lembrar de exemplos ou ocorrências similares. Esse processo não envolve um cálculo técnico, mas um julgamento intuitivo, influenciado pela facilidade com que conseguem lembrar de exemplos relacionados. Ou seja, a mente recorre às memórias mais recentes, impactantes ou frequentemente discutidas, que são mais "disponíveis" para influenciar o julgamento (Kahneman. 2012). Para exemplificar: após assistir a notícias frequentes sobre acidentes aéreos, uma pessoa pode acreditar que viajar de avião é mais perigoso do que realmente é.

Apesar de estatísticas mostrarem que voar é mais seguro do que dirigir², a acessibilidade dessas memórias impactantes sobre acidentes leva a uma superestimação do risco de voar.

Heurística do ajuste ou ancoragem: ocorre quando as pessoas baseiam suas decisões ou julgamentos em um ponto inicial de referência, chamado "âncora", e ajustam suas respostas a partir desse ponto. Esse ajuste, no entanto, tende a ser insuficiente, e o valor inicial influencia significativamente o resultado final, mesmo que a âncora seja arbitrária ou pouco relevante. Para exemplificar: imagine que um vendedor sugira que o preço de um carro é R\$100.000,00. Mesmo que o comprador negocie, é provável que o preço final seja influenciado por esse valor inicial. Estudos³ mostram que, ao avaliar o custo justo, as pessoas geralmente se aproximam do valor inicial sugerido, independentemente de pesquisas externas sobre preços. Esse processo exemplifica a influência da âncora no julgamento Kahneman (2012).

A seguir será apresentado o Quadro 1 adaptado pelo autor deste trabalho ao estudo de Andriotta (2023) com os principais vieses comportamentais e seu respectivo autor de publicação.

Quadro 1 - Vieses comportamentais e seus respectivos autores

Viés comportamental	Explicação	Autores
Representatividade	A heurística de representatividade leva as pessoas a ignorarem a frequência ou dados estatísticos e a fazer julgamentos com base em quão similar algo é a uma imagem mental. Esse processo automático pode ser útil em muitas situações, mas também gera erros quando os julgamentos ignoram probabilidades objetivas.	Kahneman (2012)
Disponibilidade	A heurística da disponibilidade pode ser descrita como um atalho mental baseado na acessibilidade de informações na memória. Em vez de calcular a frequência de um evento ou a chance de algo acontecer (o que seria um conceito técnico de probabilidade), as pessoas avaliam com base na facilidade com que conseguem lembrar de exemplos relacionados. Ou seja, a mente recorre às memórias mais recentes, impactantes ou frequentemente discutidas, que são mais "disponíveis" para influenciar o julgamento.	Kahneman (2012)

² O avião ainda é a maneira mais segura de viajar? Veja as estatísticas (Carvalho, 2018).

³ Os estudos mais amplamente citados sobre a heurística da ancoragem foram realizados por Amos Tversky e Daniel Kahneman e publicados em 1974 no artigo *Judgment under Uncertainty: Heuristics and Biases*.

Ajuste e Ancoragem	Indivíduos fazem previsões ou estimativas com base em um valor inicial (âncora) e ajustam a partir dele. No entanto, o ajuste é geralmente insuficiente, fazendo com que o valor final fique enviesado em direção ao ponto de partida.	Kahneman (2012)
Excesso de Confiança	As pessoas tendem a superestimar suas habilidades ou o grau de acerto em suas previsões, levando a decisões imprudentes ou mal fundamentadas.	Kumar e Goyal (2015)
Efeito de Disposição	Refere-se à tendência de vender rapidamente ativos que estão gerando lucro e manter os que estão em perda, evitando realizar prejuízos.	Shefrin e Statman (1985)
Efeito Pastoreio (ou efeito manada)	Indivíduos tendem a seguir o comportamento de um grupo, muitas vezes ignorando suas próprias análises ou informações pessoais, resultando em decisões coletivas equivocadas.	Shiller (2000); Kahneman e Tversky (1979)
Contabilidade Mental	As pessoas tratam o dinheiro de maneira diferente dependendo da fonte ou da forma como o classificam mentalmente, o que pode levar a decisões financeiras inconsistentes ou irrationais.	Thaler (1985)
Confirmação	As pessoas tendem a buscar, interpretar e lembrar informações que confirmam suas crenças ou hipóteses previas, ignorando evidências contrárias.	Dickens (1978)
Retrospectivo	Ocorre quando o investidor acredita que um evento passado era previsível, mas pode acabar cometendo o erro de associar um acontecimento a outro sem haver uma relação real de causa e efeito entre eles. Isso leva à tomada de decisões irrationais, baseadas em uma percepção equivocada de previsibilidade	Fischhoff e Beyth (1975)
Dinheiro da Casa	Ocorre quando o investidor, após obter grandes lucros, se torna mais propenso a assumir riscos adicionais, tratando os ganhos como "dinheiro extra". Por outro lado, quando o investidor sofre grandes perdas, ele tende a ficar mais avesso ao risco, buscando evitar novas perdas	Thaler e Johnson (1990)
Dotação	Tendência de valorizar mais um bem simplesmente porque o possui, levando à dificuldade de vender ou trocar, mesmo quando seria vantajoso.	Kahneman <i>et al.</i> (1990)
Aversão à Perda	As pessoas sentem mais dor ao perder algo do que satisfação ao ganhar, resultando em uma maior propensão a evitar perdas do que buscar ganhos.	Benartzi e Thaler (1995)
Enquadramento	As decisões são influenciadas pela maneira como as opções são apresentadas. A mesma escolha pode parecer mais ou menos atraente dependendo de como é descrita.	Tversky e Kahneman (1981)
Doméstico	Refere-se à tendência de investidores preferirem ativos nacionais em vez de internacionais, por considerá-los mais familiares e seguros	French e Poterba (1991) e Tesar e Werner (1995)

Autoatribuição	Os indivíduos atribuem o sucesso de suas decisões à própria competência, enquanto os fracassos são colocados na conta de fatores externos ou azar.	Bem (1967, 1972)
Conservadorismo	As pessoas tendem a se apegar a crenças ou opiniões anteriores, atualizando suas convicções de forma lenta ou insuficiente, mesmo diante de novas evidências.	Edwards (1968)
Aversão ao Arrependimento	O medo de tomar decisões das quais se possam arrepender no futuro faz com que as pessoas evitem riscos ou ações que possam levar a resultados negativos.	Loomes e Sugden (1982), Bell (1982) e Fishburn (2013)

Fonte: Andriotta (2023), adaptado pelo autor.

O conhecimento sobre vieses e heurísticas é essencial para uma boa administração de recursos que pode ajudar os docentes a identificarem e mitigarem comportamentos que podem levar a decisões iracionais ou subótimas. Vieses cognitivos, como excesso de confiança, ancoragem e viés de enquadramento, bem como heurísticas (atalhos mentais), influenciam diretamente a forma como os indivíduos percebem, avaliam e escolhem entre opções financeiras. Compreender essas tendências permite um gerenciamento mais consciente e eficiente dos recursos financeiros. (Kahneman; Tversky, 2012; Thaler; Sunstein, 2008).

É importante destacar que o questionário aplicado neste Trabalho de Conclusão de Curso, por ser baseado na pesquisa *Investidores em Foco* da ANBIMA (2024), não captura diretamente fatores emocionais ou vieses comportamentais. Ele foi desenvolvido com o objetivo de medir o conhecimento e a prática em investimentos dos docentes. Entretanto, o nível de conhecimento financeiro pode indiretamente influenciar a presença de comportamentos enviesados que podem tomar decisões financeiras baseadas em viés ou Heurística, não somente em relação a produtos financeiros, mas também no cotidiano, decidindo tomar um crédito a longo prazo sem primeiro ponderar os reais riscos e oportunidades ou até mesmo decidir, ou não, ultrapassar um sinal vermelho quando estiver no trânsito livre.

E, para que se entenda sobre a tomada de decisão, ela refere-se à habilidade de escolher e atribuir um "peso" a essa escolha, considerando as probabilidades (sejam elas favoráveis ou desfavoráveis) com o propósito de alcançar um resultado. A tomada de decisão deve ser guiada pelo máximo de conhecimento disponível, mesmo que as informações sejam limitadas ou incompletas (Choo, 2003 *apud* Andriotta, 2023).

2.6 Crenças e seus impactos

Além do tema discutido anteriormente, Brunet (2018) explica que também as crenças sobre o dinheiro, frequentemente transmitidas por familiares ou pela sociedade, podem restringir o potencial de prosperidade. Há trabalhos acadêmicos que reforçam que crenças familiares e experiências pessoais exercem uma forte influência sobre o comportamento financeiro, frequentemente limitando o potencial de prosperidade dos indivíduos. Segundo o estudo de educação financeira realizado com docentes servidores públicos do Instituto Federal do Sul de Minas Gerais, "não apenas a educação formal contribui para as decisões financeiras, mas também a experiência prática e os familiares, que desenvolvem convicções no indivíduo ao longo do tempo" (Domingues, 2024, p. 24).

Embora os docentes analisados nesse estudo pertençam a um contexto de estabilidade típico do serviço público, a pesquisa revelou que muitos deles reconhecem a importância da gestão financeira, mas ainda não aplicam esses conhecimentos de forma eficaz. Isso destaca a relevância de intervenções educacionais: "A educação financeira é o meio de prover esses conhecimentos e informações sobre comportamentos básicos que contribuem para melhorar a qualidade de vida das pessoas e de suas comunidades" (Domingues, 2024, p. 20).

Por outro lado, este estudo foca em docentes de uma instituição privada de ensino superior, um público que enfrenta desafios diferentes, como a instabilidade no vínculo empregatício e a maior exposição a variações de renda. Segundo Gomes e Soria (2022, p. 10), "o número de vínculos docentes no ensino superior privado caiu 6% entre 2015 e 2019, evidenciando a instabilidade laboral nesse setor". Ademais, "as condições de trabalho são predominantemente de contratação horista ou em tempo parcial, o que gera menor previsibilidade de renda para os professores" (Gomes; Soria, 2022, p. 5). Tais fatores reforçam a importância de compreender como as crenças sobre o dinheiro e o conhecimento financeiro impactam a qualidade de vida desse público.

O estudo de Abaya *et al.* (2021), realizado com docentes de uma instituição de ensino das Filipinas, dados que não são de âmbito nacional, mas serve para demonstrar que as crenças financeiras limitantes entre docentes podem ser atribuídas a um baixo nível de alfabetização financeira, o que afeta negativamente sua capacidade de gerenciar finanças pessoais de maneira eficaz. Em pesquisas realizadas pelos autores, muitos professores relataram conhecimento moderado sobre práticas financeiras, como economia e investimento, o que impacta diretamente em decisões como endividamento e poupança. Esse baixo nível de

conhecimento, associado a crenças negativas sobre dinheiro, faz com que os docentes muitas vezes não tenham reservas financeiras adequadas, como fundos de emergência, o que pode levar a decisões financeiras que coloquem em risco suas finanças, como a tomada frequente de empréstimos para cobrir necessidades emergenciais.

A priori existem estudos na área da Terapia cognitiva-comportamental (TCC), que faz menção a esse tema trazendo soluções e embasamento científico no assunto. As crenças limitantes, com sua natureza negativa, podem dificultar a percepção que o indivíduo tem de sua própria realidade. Essa distorção da realidade leva a uma descrença nas próprias capacidades de alcançar conquistas. As crenças funcionam como filtros que influenciam a forma como a pessoa vê a si mesma, os outros e o futuro, frequentemente de maneira inadequada. Isso interfere na mudança de comportamento, que pode se tornar desadaptativo, afetando o desenvolvimento pessoal, profissional e social, além de outros aspectos importantes da vida do indivíduo (Cardoso *et al.* 2023).

Pode-se perceber que a necessidade do desenvolvimento de uma mentalidade ou crença de crescimento, voltada para uma vida mais feliz que busca realizações profissionais e pessoais, em detrimento de uma crença fixa, que acredita que habilidades e dons são inatos e nada pode ser feito para mudar, é crucial para se alcançar resultados positivos em relação ao consumo, relacionamentos e na área financeira (Dueck, 2018).

Ademais, a correlação dos estudos de Abaya *et al.* (2021) sobre o comportamento de docentes em relação a crenças limitantes financeiras junto com a explanação de Cardoso *et al.* (2023) e sua contribuição na terapia cognitiva comportamental leva ao entendimento do tema de forma mais abrangente, conclui-se que, como a literatura aponta, o desenvolvimento de uma mentalidade de crescimento traz impactos diretos no ambiente de trabalho, vida pessoal, profissional e financeira.

3 MÉTODO

Este capítulo apresenta o delineamento metodológico adotado para alcançar os objetivos propostos neste estudo sobre o nível de educação financeira e comportamento financeiro dos docentes de uma instituição de ensino superior localizada na zona norte do Recife.

A preparação para esta pesquisa quantitativa começou com a definição do problema de pesquisa, que buscou compreender como o nível de educação financeira dos docentes de uma instituição de ensino superior localizada na zona norte do Recife impacta suas decisões econômicas, com ênfase em práticas de poupança e investimento. Este recorte permitiu delimitar o foco do estudo, facilitando o desenvolvimento de um instrumento que captasse as nuances necessárias para atender aos objetivos estabelecidos.

Os objetivos gerais e específicos foram fundamentais para nortear o processo. O objetivo geral foi analisar o nível de educação financeira dos docentes de uma instituição privada de ensino superior localizada na zona norte do Recife e compreender como esse conhecimento influencia seu comportamento financeiro, especialmente nas práticas de poupança e investimento, enquanto os objetivos específicos incluíram: investigar qual a relação entre o hábito de poupar e o nível de investimentos dos docentes; compreender o nível do entendimento dos docentes da instituição de ensino superior em relação a investimentos; comparar as respostas obtidas com a pesquisa da ANBIMA.

A pesquisa caracterizou-se como um estudo de natureza aplicada, pois buscou gerar conhecimento que possa ser utilizado na prática, fornecendo subsídios para intervenções que visem a melhoria da educação financeira dos docentes. O estudo propôs investigar e compreender o comportamento financeiro desse grupo, com o intuito de desenvolver recomendações que promovam práticas financeiras mais conscientes e saudáveis. Segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 45), "pesquisas aplicadas são voltadas à solução de problemas concretos, buscando criar novos conhecimentos úteis à prática".

A abordagem utilizada é quantitativa, permitindo "a utilização de ferramentas que quantifiquem variáveis e estabeleçam padrões e tendências com base em dados empíricos" (Marconi; Lakatos, 2003, p. 112). O estudo pretendeu coletar dados numéricos, que foram analisados estatisticamente. Ainda conforme os mesmos autores, a estatística descritiva foi aplicada por meio de medidas de frequência relativa, que permitiram identificar a distribuição

das respostas dos docentes em cada questão. Foram gerados tabelas e gráficos para facilitar a visualização dos resultados e possibilitar comparações com os dados da pesquisa *Investidores em Foco* (ANBIMA, 2024).

Esse tipo de abordagem possibilitou a medição e avaliação do nível de educação financeira dos docentes e como esses fatores se refletem em práticas de poupança e investimento. Os dados quantitativos permitiram também uma comparação objetiva com a pesquisa *Investidores em Foco*, de 2023. A pesquisa *Raio-X do Investidor*, conduzida pela ANBIMA (2024) em parceria com o Datafolha, buscou compreender os hábitos de poupança e investimento dos brasileiros, visando analisar o comportamento e as motivações dos investidores. Realizada anualmente desde sua primeira edição em 2017, a pesquisa abrange as cinco regiões do país.

Quanto aos fins, esta pesquisa é exploratória e descritiva. Ela é exploratória, pois buscou aprofundar o entendimento sobre um tema ainda pouco abordado em relação ao público específico de docentes, visando identificar aspectos importantes e levantar informações sobre o nível de educação financeira e seus reflexos no comportamento financeiro. Conforme Gil (2008, p. 26), "a pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito ou construindo hipóteses". A pesquisa também é descritiva, pois objetivou descrever as características e comportamentos financeiros dos docentes, especialmente no que se refere a poupança e investimento, com base em dados quantitativos coletados. Segundo Gil (2008, p. 26), "as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinadas populações ou fenômenos"

Em termos dos procedimentos, foram utilizados os seguintes métodos de pesquisa:

- a) Pesquisa Bibliográfica: a pesquisa bibliográfica foi realizada para embasar teoricamente o estudo e compreender os principais conceitos e discussões sobre educação financeira, comportamento financeiro e inteligência emocional aplicados ao contexto dos docentes. Segundo Severino (2017), a pesquisa bibliográfica consiste no levantamento, seleção e documentação de materiais que já foram escritos sobre o tema, servindo como base teórica para a análise do pesquisador, por meio de revisão de literatura sobre as temáticas: Teoria Econômica clássica, Finanças comportamentais e Principais Heurísticas e Vieses. Fontes como artigos científicos, livros e relatórios,

incluindo a pesquisa da ANBIMA (2024), foram analisados para construir o referencial teórico.

- b) Pesquisa de Campo: para coletar dados diretamente dos sujeitos da pesquisa, foi realizada uma pesquisa de campo. Conforme Severino (2017), a pesquisa de campo é aquela em que o pesquisador coleta dados diretamente no ambiente onde ocorrem os fenômenos estudados, possibilitando uma análise contextualizada. A coleta de dados ocorreu por meio da aplicação de um questionário online aos docentes da instituição de ensino superior estudada, buscando obter informações sobre seu nível de conhecimento financeiro, comportamento de poupança e investimento.
- c) Pesquisa *Survey*: a pesquisa utilizou o método *survey*, que consiste na aplicação de questionários padronizados, permitindo a coleta de dados quantitativos (Gil, 2019).

A construção do instrumento de coleta de dados, um questionário de múltipla escolha, foi realizada com base na literatura estudada e na pesquisa nacional *Investidores em Foco* da ANBIMA (2024). O questionário abordou temas como aposentadoria, hábitos de poupança e conhecimento sobre investimentos, sendo desenvolvido para garantir clareza e objetividade.

Esse questionário foi estruturado para abranger o perfil financeiro dos docentes e suas práticas de poupança e investimento, possibilitando a obtenção de respostas quantificáveis para análise estatística. Usou-se o questionário elaborado no *Google Forms* com 18 perguntas (Apêndice A).

Para validar o instrumento, foi realizada uma testagem piloto com um pequeno grupo de docentes. Esse processo permitiu identificar e corrigir eventuais falhas ou ambiguidades no questionário, assegurando que as perguntas fossem compreendidas de forma clara e refletissem os objetivos do estudo. Após essa etapa de teste, a pesquisa foi aplicada no período de 28/10 até 05/12/2024.

Conforme Babbie (2017, p. 253), "os questionários estruturados são ferramentas essenciais para pesquisas quantitativas, pois permitem uniformidade na coleta de dados e maior facilidade de análise". Após a coleta, os dados foram tratados e analisados com o uso de técnicas estatísticas descritivas, com o objetivo de identificar padrões e tendências entre os docentes participantes. Segundo Marconi e Lakatos (2003), a estatística descritiva organiza e resume os dados coletados, transformando-os em informações claras e objetivas.

A definição da amostra foi cuidadosamente planejada, abrangendo docentes que atuam em uma instituição privada de ensino superior localizada na zona norte do Recife. A seleção foi baseada na disponibilidade e no interesse em participar do estudo, garantindo representatividade dentro do contexto da pesquisa.

Os resultados obtidos foram comparados com os dados da pesquisa ANBIMA (2024), possibilitando uma análise comparativa entre o comportamento financeiro dos docentes e o perfil financeiro geral dos brasileiros.

Vale ressaltar que esta pesquisa não tem a pretensão de esgotar o tema, nem tão pouco de fazer generalizações, dado o escopo específico de análise e o público restrito aos docentes de uma única instituição. Segundo Gil (2019), toda pesquisa está sujeita a ter limitações que pode decorrer do contexto e do público-alvo investigado, sendo fundamental reconhecê-las para orientar os resultados no seu devido escopo. No entanto, espera-se que os dados coletados forneçam *insights* relevantes para futuras iniciativas de capacitação financeira e desenvolvimento de práticas financeiras mais conscientes entre os docentes pesquisados.

Pode-se ainda frisar que a limitação de não ser possível o acesso a todos os docentes da Faculdade por falta de tempo hábil para comunicar ao total do universo da pesquisa, de 56 docentes conforme apresentado pela área financeira da Faculdade, solicitado pela coordenadora do curso de Administração. Uma das limitações foi a dificuldade em alcançar os docentes que trabalham em horário diferente do noturno, horário que o pesquisador teve mais disponibilidade para divulgar a pesquisa. Embora o questionário tenha sido disponibilizado online, a comunicação direta e a interação com os participantes podem influenciar positivamente na adesão a pesquisas, como apontado por Severino (2017), que destaca a importância de estratégias ativas para superar barreiras de engajamento em estudos com populações heterogêneas. Ainda assim, atingiu-se 28,6 % do universo estudado.

Por fim, todos os aspectos éticos e legais foram cuidadosamente considerados, em conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), garantindo a privacidade e a proteção das informações fornecidas pelos participantes. O questionário foi estruturado de forma a coletar apenas os dados estritamente necessários para os objetivos do estudo, e todas as informações foram tratadas de maneira confidencial e exclusivamente para fins acadêmicos. Essa abordagem reforça o compromisso do trabalho com a transparência, a ética e o respeito às normas legais vigentes, fundamentais para assegurar a credibilidade da pesquisa.

4 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

Sugiro redigir um parágrafo, destacando que neste capítulo serão apresentados os resultados da pesquisa e feita a análise e discussão dos dados, com o propósito de alcançar os objetivos geral e específicos, apoiados no referencial teórico estudado. Registre ainda, que os resultados apresentados se restringem à amostra estudada, sem a intenção de fazer generalizações.

4.1 Ligação com a pesquisa da ANBIMA

Nesta seção é apresentado uma análise dos dados coletados sobre o comportamento financeiro dos docentes de uma instituição privada de ensino superior e discutido como esses resultados se relacionam com os resultados da pesquisa *Investidores em Foco*, em 2023. A pesquisa realizada pela ANBIMA (2024) em parceria com a Datafolha, oferece uma visão abrangente sobre o perfil, comportamento e objetivos financeiros dos brasileiros. Foi utilizada a 7º edição para comparação da presente pesquisa. Em relação a essa 7º edição foram entrevistadas mais de 5.800 pessoas com 16 anos ou mais em todas as regiões do país.

A pesquisa da ANBIMA (2024) fornece um panorama amplo sobre o perfil do investidor brasileiro, vale ressaltar que os docentes do ensino superior fazem parte de um nicho pequeno em relação ao contexto mais amplo do mercado financeiro.

A pesquisa deste TCC se inspira nesse modelo para aplicar um olhar específico sobre docentes do ensino superior e verificar se há semelhanças ou disparidades, aprofundando assim o estudo nesse segmento.

É preciso reiterar que nas conclusões do nicho abordado houve divergências em alguns dos resultados entre os que foram aqui apresentados e a pesquisa ANBIMA (2024), possivelmente pela pesquisa ter sido realizada na instituição de ensino superior (IES), ou seja, está voltada a um único segmento da sociedade. Um dado importante para destacar é que na sua 7º edição a pesquisa da ANBIMA (2024) contou com um percentual de 10,12% de respondentes com ensino superior completo, não sabendo-se quantos destes eram docentes do ensino superior.

A partir da análise comparativa, será possível identificar similaridades e discrepâncias no comportamento financeiro dos docentes em relação ao perfil geral do investidor brasileiro.

Isso contribui para compreender como fatores como estabilidade financeira e formação educacional influenciam decisões financeiras.

4.2 Resumo da Análise de Dados

Em relação aos elementos coletados pode-se citar: dados demográficos (estado civil, gênero, faixa etária, renda familiar), perfis de investimentos (motivos para investir ou não), nível de conhecimento sobre investimento financeiro (produtos de investimentos como poupança, CD, ações, títulos públicos e outros), planejamento para aposentadoria, práticas e comportamento de poupança e investimentos.

Foi aplicado questionário com múltiplas alternativas através do *google forms* com um total de 18 perguntas de múltipla escolha. Os dados coletados por meio do questionário revelam que 100% da amostra dos docentes possui algum nível de conhecimento sobre produtos de investimento, porém 20% alega não investir por não ter um conhecimento mais detalhado; da mesma forma 81,2% têm práticas de poupança regulares e 19,8% não possuem essa prática. Esses resultados foram analisados estatisticamente para identificar padrões comportamentais.

A próxima etapa incluirá apresentação dos gráficos, discussão dos resultados coletados e comparação com os dados da ANBIMA (2024). A análise de dados quantitativos permite não apenas identificar padrões locais, mas também situá-los em relação às tendências gerais do comportamento financeiro no Brasil (Gil, 2019)

4.3 Análise de dados

Esta seção tem como objetivo apresentar os resultados obtidos a partir da pesquisa aplicada junto aos docentes de uma instituição privada de ensino superior localizada na zona norte do Recife. A pesquisa buscou analisar o nível de educação financeira desses profissionais e compreender como esse conhecimento influencia seu comportamento financeiro, com ênfase nas práticas de poupança e investimento.

Para alcançar esses objetivos, foram explorados os seguintes objetivos específicos:

- a) Investigar a relação entre o hábito de poupar e o nível de investimentos dos docentes;

- b) Compreender o nível de entendimento dos docentes em relação a produtos de investimentos;
- c) Comparar as respostas obtidas com os dados da pesquisa ANBIMA (2024) – Investidores em Foco (2023).

4.3.1 Estado civil

Na amostra obtida 81,3% declararam estar casados, enquanto 18,8% afirmaram ser solteiros. Não foram registradas respostas nas categorias separado ou viúvo.

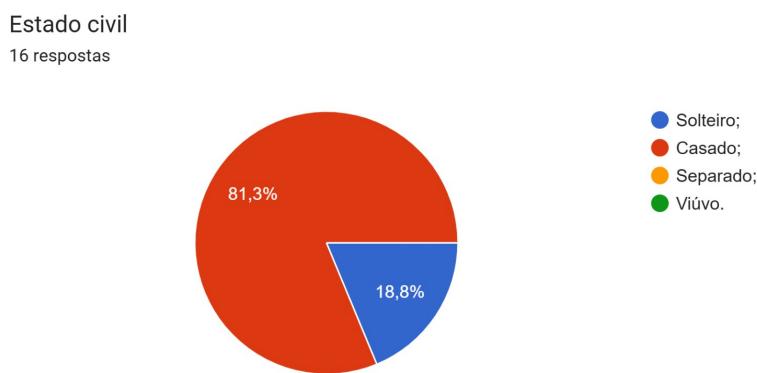
Em comparação, os dados da pesquisa ANBIMA (2024) indicam que 42,3% dos investidores brasileiros são casados ou vivem em união estável, 57,7% são solteiros, separados ou viúvos.

Dessa forma, enquanto a pesquisa ANBIMA (2024) apresenta um perfil mais diversificado, com representação de todas as categorias de estado civil, os docentes pesquisados concentraram-se apenas nas categorias casado e solteiro, com ausência de participantes separados ou viúvos.

A comparação entre os dados da ANBIMA (2024) e da pesquisa com docentes sugere algumas interpretações possíveis, mas não permite, por si só, afirmar com certeza se os casados são mais preocupados com as finanças ou se gastam mais e pouparam menos. A vida em casal geralmente envolve planejamento financeiro conjunto, seja para a manutenção da casa, educação dos filhos ou construção de patrimônio.

Um estudo apresentado por Norgren *et al.* (2004) aponta que indivíduos casados tendem a buscar maior estabilidade financeira, especialmente porque precisam considerar o bem-estar da família no longo prazo. Isso pode justificar uma maior preocupação com investimentos e planejamento para a aposentadoria. Por outro lado, o casamento também pode trazer mais despesas fixas, como moradia, alimentação e custos com filhos, o que pode impactar negativamente a capacidade de poupança. Se o casal não possui um planejamento financeiro estruturado, os gastos podem aumentar sem que haja um crescimento proporcional na poupança ou nos investimentos.

Gráfico 1 - Estado civil



Fonte: o autor.

4.3.2 Gênero

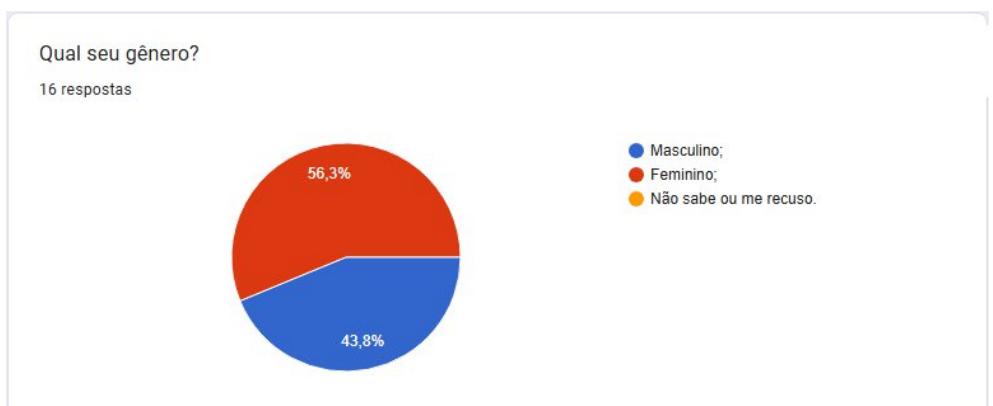
Os resultados obtidos na pesquisa aplicada aos docentes indicam que 56,3% dos respondentes são do gênero feminino, enquanto 43,8% são do gênero masculino. Não houve respostas para a opção “Não sabe ou me recuso”.

Conforme a 7ª edição da pesquisa ANBIMA (2024), a divisão por gênero entre investidores apresenta o seguinte panorama no Brasil: 47% são do gênero masculino, 51,6% são do gênero feminino. Corroborando assim os resultados da pesquisa da instituição privada de ensino superior, a proporção de respondentes masculinos (43,8%) e femininos (56,3%) entre os docentes está em linha com a pesquisa da ANBIMA (2024), indicando uma predominância feminina no grupo analisado localmente e nacionalmente.

A predominância feminina tanto na pesquisa realizada com os docentes quanto na pesquisa da ANBIMA (2024) sugere que as mulheres estão mais presentes no universo dos investidores e que esse cenário se reflete na amostra analisada. Esse dado pode ser interpretado a partir de algumas perspectivas, incluindo a distribuição populacional e a participação feminina no mercado de trabalho. De acordo com o IBGE (2022), a população brasileira é composta por 51,5% de mulheres e 48,5% de homens, o que está alinhado com a distribuição de gênero observada tanto na pesquisa da ANBIMA (2024). Na pesquisa com docentes há indícios do mesmo encaminhamento das pesquisas já citadas, mas não se pode fazer maiores inferências em virtude do tamanho da amostra da pesquisa.

Historicamente, os homens representavam a maioria dos investidores no Brasil, mas a própria pesquisa da ANBIMA (2024) aponta um crescimento da participação feminina reforçando essa tendência ao indicar que 51,6% dos investidores são mulheres, o que sugere uma maior conscientização e participação feminina no mercado financeiro. Isso pode estar associado a fatores como maior escolaridade, busca por independência financeira e acesso a informações sobre investimentos, mas essas são questões que precisam ser aprofundadas.

Gráfico 2 - Gênero



Fonte: o autor.

4.3.3 Faixa etária

Os dados demográficos indicam que a maioria dos docentes que responderam à pesquisa pertence às gerações Y (43,8%) e X (43,8%), enquanto a Geração Z e os *Baby Boomers* representam apenas 6,3% cada. Em comparação com a pesquisa da ANBIMA (2024), observa-se uma pequena similaridade em proporção na representatividade das gerações Y (29%) e X (33,5%) entre os investidores brasileiros. No entanto, há diferenças marcantes em relação à Geração Z, que corresponde a 6,3% dos docentes, contra 22,1% dos

investidores no âmbito nacional, e aos *Baby Boomers*, que representam 6,3% na pesquisa dos docentes, mas 15,4% no levantamento nacional. Pode se observar os dados, abaixo, na Tabela 1.

Tabela 1 - Comparaçāo do percentual das gerações entre docentes com a pesquisa nacional ANBIMA (2024)

Geraçāo	Pesquisa com Docentes (%)	Pesquisa ANBIMA (2024) (%)
Geraçāo Y (nascidos entre 1981-1996)	43,8%	29%
Geraçāo X (nascidos entre 1965-1980)	43,8%	33,5%
Geraçāo Z (nascidos entre 1997-2012)	6,3%	22,1%
Baby Boomers (nascidos entre 1946-1964)	6,3%	15,4%

Fonte: ANBIMA (2024) e o autor.

A distribuição geracional dos docentes que participaram da pesquisa apresenta diferenças relevantes em relação ao perfil dos investidores analisados pela ANBIMA (2024). A maior parte dos professores pertence às gerações Y (43,8%) e X (43,8%), o que reflete a predominância de profissionais que já possuem maior estabilidade na carreira acadêmica e maior experiência profissional. Essa composição difere do cenário nacional, onde a participação da Geraçāo Y é menor (29%) e a Geraçāo X se mantém com uma representatividade semelhante (33,5%).

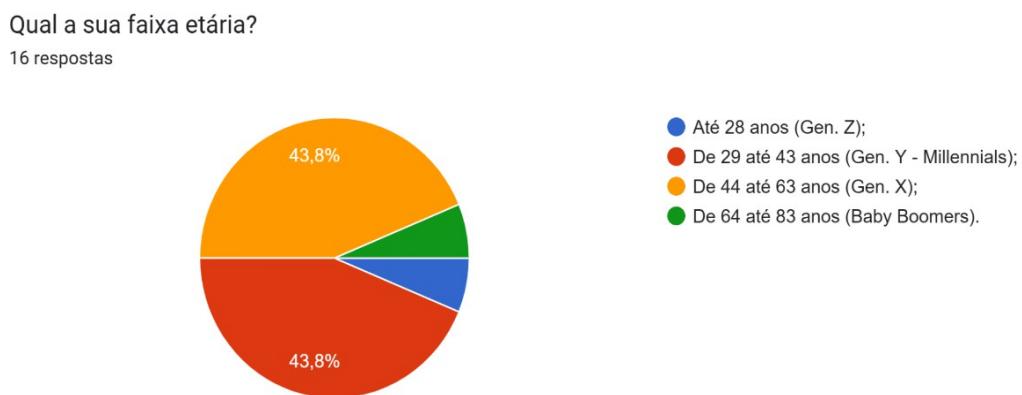
A Geraçāo Z, que representa 6,3% dos docentes, tem uma participação significativamente inferior à observada na pesquisa da ANBIMA (22,1%). Isso pode ser explicado pelo fato de que os indivíduos dessa geraçāo ainda estão em fase de formação acadêmica ou no início da carreira, sendo menos comuns em cargos de docência no ensino superior, mas também pelo universo e amostra pesquisados, restrito a uma faculdade pequena.

Os *Baby Boomers*, que representam 6,3% dos docentes na pesquisa, têm um peso menor do que na pesquisa da ANBIMA, onde correspondem a 15,4% dos investidores. Esse resultado sugere que, no âmbito nacional, a geraçāo dos *Baby Boomers* ainda tem uma presença significativa entre os investidores, provavelmente devido a um maior acúmulo de capital ao longo da vida e à busca por segurança financeira na aposentadoria.

Essa comparaçāo evidencia que a composição geracional dos docentes está mais concentrada em indivíduos entre 30 e 50 anos (Gerações Y e X), enquanto, no contexto

nacional, há maior diversidade etária entre os investidores, com maior participação da Geração Z e dos Baby Boomers. Esses fatores podem refletir diferenças nos perfis de atuação profissional e nos estágios de vida em que cada grupo se encontra em relação às finanças e investimentos.

Gráfico 3 - Faixa etária



Fonte: o autor.

4.3.4 Renda familiar

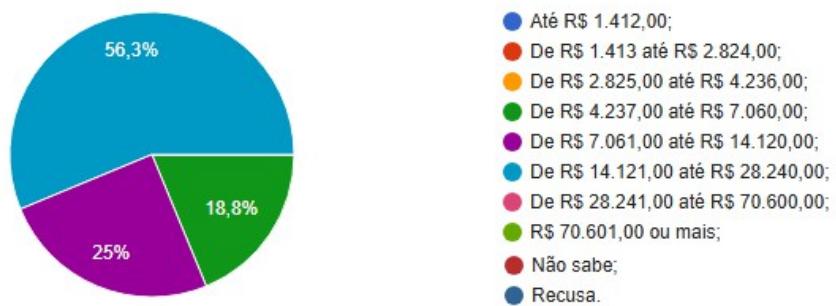
Em relação à renda familiar, cabe destacar que na pesquisa da ANBIMA (2024) foi utilizado uma faixa de renda considerando o valor do salário mínimo do ano de 2023, ou seja, R\$1.320,00. Cada linha de renda crescia de acordo com a quantidade de salários mínimos. Na pesquisa elaborada para este TCC considerou-se o salário mínimo atualizado para o ano de 2024 sendo de R\$1.412,00.

Dito isso, os dados sobre a faixa de renda familiar dos docentes revelam que a maioria (56,3%) possui renda entre R\$ 14.121,00 a R\$ 28.240,00 (de 10 a 20 salários mínimos), seguida por 25% na faixa de R\$ 7.061,00 e R\$ 14.120,00 (de 5 a 10 salários mínimos). Apenas 18,8% estão na faixa superior, com renda acima de R\$28.241,00 (acima de 20 salários mínimos). Não houve respostas para as outras faixas de renda.

Gráfico 4 - Faixa de renda dos docentes

Qual a sua faixa de renda familiar?

16 respostas



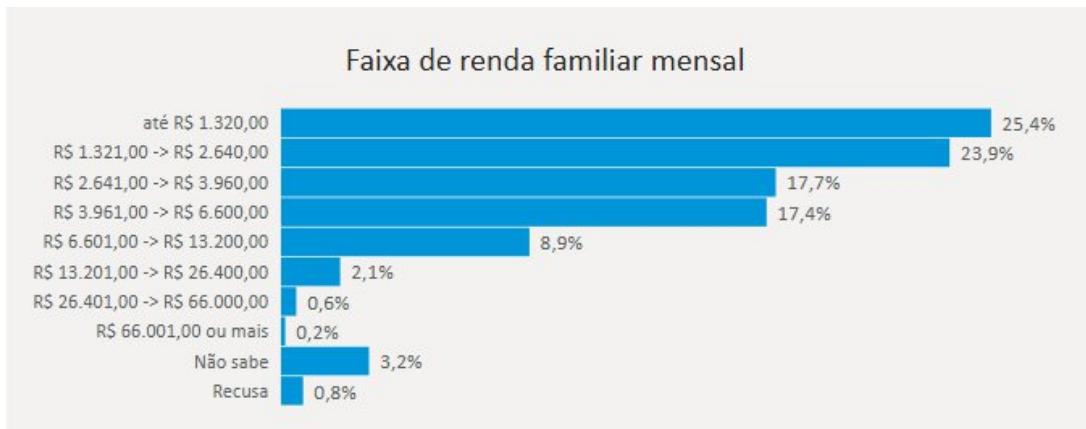
Fonte: o autor.

Em comparação com a pesquisa da ANBIMA (2024), que abrangeu todas as faixas de renda familiar mensal, observa-se que 25,4% da população nacional possuem renda de até R\$ 1.320,00, enquanto 23,9% situam-se na faixa entre R\$ 1.321,00 e R\$ 2.640,00 (entre 1 e 2

salários mínimos de 2023), e 17,7% entre R\$ 2.641,00 e R\$ 3.960,00 (entre 2 e 3 salários mínimos de 2023). Já na faixa de R\$3.961,00 a R\$6.600,00 (entre 3 e 5 salários mínimos de 2023) estão 17,4%, enquanto somente 8,9% possuem renda entre R\$6.601,00 e R\$13.200,00 (entre 5 e 10 salários mínimos de 2023). Percentuais ainda menores são encontrados nas faixas superiores: apenas 2,1% têm renda de R\$ 13.201,00 a R\$ 26.400,00 (entre 10 e 20 salários mínimos de 2023), 0,6% entre R\$ 26.401,00 e R\$ 66.000,00 (entre 20 e 50 salários mínimos de 2023), e somente 0,2% possuem renda superior a R\$ 66.001,00 (acima de 50 salários mínimos de 2023). Além disso, 3,2% declararam não saber sua faixa de renda, enquanto 0,8% recusaram responder.

A seguir é apresentado o Gráfico 5 com a faixa da população brasileira conforme a pesquisa da ANBIMA (2024) e em seguida a Tabela 2 com a comparação da pesquisa entre os docentes estudados e os dados da ANBIMA (2024).

Gráfico 5 - faixa de renda da população brasileira da pesquisa ANBIMA (2024)



Fonte: ANBIMA (2024).

Esses dados reforçam a disparidade de renda no Brasil, conforme a pesquisa ANBIMA (2024) e destacam a concentração de renda em faixas mais baixas na população geral, contrastando com o perfil dos docentes participantes desta pesquisa, cuja maioria se encontra em faixas superiores. Esse fator pode influenciar diretamente o acesso e a propensão a práticas de poupança e investimento, uma vez que faixas de renda mais altas tendem a ter maior capacidade de alocação de recursos para objetivos financeiros, conforme apontado pela própria ANBIMA (2024) em análises relacionadas ao comportamento financeiro dos brasileiros.

Ao observar os resultados apresentados pela pesquisa da ANBIMA (2024), que reflete a maioria da população brasileira, há uma concentração em faixas de renda mais baixas — 67% recebem até R\$ 3.960,00 (equivalente a 3 salários mínimos em 2023) e apenas 8,9% situam-se entre R\$ 6.601,00 e R\$ 13.200,00 (de 5 a 10 salários mínimos de 2023) — mais da metade da amostra dos docentes (56,3%) possuem renda familiar entre R\$ 7.061,00 e R\$ 14.120,00 (de 5 a 10 salários mínimos em 2024). Além disso, enquanto 2,1% da população nacional recebe entre R\$ 13.201,00 e R\$ 26.400,00 (de 10 a 20 salários mínimos de 2023), 25% dos docentes encontram-se nessa faixa de renda.

Tabela 2 - Comparaçao entre a pesquisa ANBIMA (2024) e docentes em relação a quantidade de salários mínimos

Salários mínimos	Percentual (%) - ANBIMA (2024)	Percentual (%) - Docentes
Até 1 salário mínimo	25,4%	0%
De 1 a 2 salários mínimos	23,9%	0%
De 2 a 3 salários mínimos	17,7%	0%
De 3 a 5 salários mínimos	17,4%	0%
De 5 a 10 salário mínimo	8,9%	25%
De 10 a 20 salários mínimos	2,1%	56,3%
Mais de 20 salários mínimos	0,8%	18,8%
Não sabe ou Não respondeu	4%	0%

Fonte: ANBIMA (2024) e o autor

Esse dado demonstra que os professores pesquisados possuem um perfil econômico superior em relação à média da população brasileira. Essa diferença pode ser atribuída ao nível de escolaridade e à posição profissional dos docentes, que geralmente estão associados a remunerações mais elevadas ou a outras atividades profissionais. Contudo, a ausência de participantes nas faixas de renda mais baixas e a maior representatividade em faixas superiores (18,8% dos docentes recebem acima de R\$28.241,00, enquanto apenas 0,6% da população nacional atingem essa faixa) reforça a disparidade de perfil entre os grupos comparados, no que se refere à remuneração.

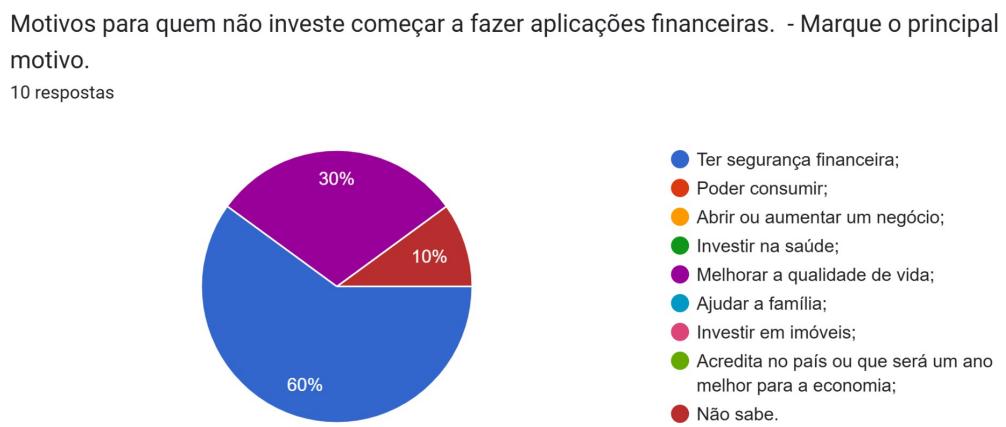
4.3.5 Motivos para quem não investe começar a investir

Na presente pesquisa os dados apontaram que 60% dos docentes respondentes indicaram "ter segurança financeira" como o principal motivo para iniciar investimentos,

enquanto os outros fatores, como "melhorar a qualidade de vida" (30%) e "não sabe" (10%), tiveram menor destaque.

Do mesmo modo a 7^a edição da pesquisa da ANBIMA (2023) aponta que a busca por segurança também aparece como um motivo relevante entre os investidores em nível nacional (56%), mas outros fatores, como "poder consumir" (30%) e o desejo de abrir ou aumentar um negócio (7%), são apontados como importantes para a decisão de começar a investir. Em nível nacional os que não sabem representam 2% da população. Isto mostra que há uma falta de alinhamento entre os resultados das duas pesquisas, sugerindo que o perfil dos docentes estudados segue tendências diferentes do público brasileiro, mas com uma similaridade no quesito segurança financeira.

Gráfico 6 - Motivos para quem não investe começar a fazer aplicações financeiras



Fonte: o autor.

4.3.6 Motivos para não investir

No Gráfico 7 que apresenta os motivos para quem não investe continuar não aplicando dinheiro, o principal motivo identificado foi "condições financeiras", mencionado por 50% dos respondentes. Em seguida, "falta de conhecimento" foi apontada por 20% dos participantes, destacando um possível obstáculo educacional. Outros 10% justificaram sua decisão com "falta de interesse", enquanto outros 10% indicaram "outros planos e prioridades". Por fim, 10% afirmaram preferir gastar ou aproveitar a vida em vez de investir.

Esses resultados revelam que barreiras econômicas, educacionais e escolhas de estilo de vida desempenham um papel significativo na decisão de não investir.

Ao comparar os dados do Gráfico 7 da pesquisa realizada com os docentes da instituição de ensino superior com os dados apresentados no *Raio X do Investidor Brasileiro*, da ANBIMA, observam-se diferenças e similaridades interessantes nos motivos para não investir.

No relatório da ANBIMA (2024, p. 52) “quase dois terços da população não investem” (63%), os principais motivos para não investir são dominados por razões financeiras, como falta de recursos disponíveis, apontada por 75% dos entrevistados, faz parte desse montante quem respondeu “não sobrar dinheiro” (65%). Esses números corroboram os 50% dos docentes respondentes que indicaram “condições financeiras” como principal motivo para não aplicar dinheiro, sugerindo que dificuldades econômicas são um fator consistente tanto no âmbito nacional quanto entre o público específico dos docentes.

A dificuldade de investir não está exclusivamente ligada ao valor da renda, mas também à forma como essa renda é gerida. Embora os docentes apresentem um nível salarial mais elevado em comparação à média nacional, conforme demonstrado pelos dados da pesquisa, isso não significa necessariamente que possuem maior facilidade para investir. A relação entre renda e investimento depende não apenas do montante recebido, mas também do padrão de consumo, das obrigações financeiras e do planejamento individual (referência).

Há indícios de que indivíduos com rendas mais altas possuem despesas igualmente elevadas, seja por um custo de vida maior, seja por compromissos financeiros como financiamentos, educação dos filhos ou mesmo um estilo de vida que absorve grande parte dos ganhos. Assim, mesmo com um salário superior à média da população, a percepção de falta de recursos para investir pode estar mais relacionada à ausência de controle financeiro do que à insuficiência da renda em si (referência).

Além disso, aspectos comportamentais e a educação financeira desempenham um papel fundamental. Pessoas que não possuem hábitos de poupança estruturados ou que não planejam suas finanças de maneira estratégica tendem a consumir toda a renda disponível, independentemente do valor que ganham. Sem uma cultura de planejamento e priorização do investimento, o dinheiro acaba sendo direcionado integralmente para despesas correntes, o que gera a sensação de que não há margem para investir (referência).

Portanto, a dificuldade de investir não reside exclusivamente no quanto se ganha, mas sim no equilíbrio entre ganhos e gastos. Esse fator reforça a importância da educação financeira como meio de capacitar os indivíduos a administrarem melhor seus recursos, permitindo que mesmo aqueles com renda mais alta consigam reservar parte de seus ganhos para investimentos e construam maior segurança financeira a longo prazo (referência).

Outro ponto que pode ser observado, mas que não traz uma equivalência em percentual é a "falta de conhecimento". Na pesquisa da ANBIMA (2024), 4% indicaram não saber como começar a investir, enquanto na pesquisa dos docentes, 20% mencionaram a "falta de conhecimento" como um dos principais entraves, para o grupo dos docentes a educação financeira é mostrada como um desafio.

Por outro lado, razões relacionadas a estilo de vida ou preferências, como "preferir gastar ou aproveitar a vida", apareceram com menos ênfase no relatório da ANBIMA (2024) com uma representatividade de 1%, enquanto representaram 10% na pesquisa com os docentes estudados. Isso pode refletir um comportamento mais pragmático do público em geral ou uma percepção distinta de prioridades entre os professores respondentes.

Além disso, "falta de interesse" e "outros planos e prioridades", apontados por 10% dos docentes, não aparecem como categorias relevantes na pesquisa nacional, o que pode indicar uma singularidade na amostra de educadores participantes da pesquisa que reflete o impacto de sua rotina e planejamento de vida no processo decisório de investimentos.

Gráfico 7 - Motivos para quem não investe continuar NÃO aplicando o dinheiro

Motivos para quem não investe continuar NÃO aplicando o dinheiro - Marque o principal motivo.
10 respostas



Fonte: o autor.

4.3.7 Conhecimento sobre investimentos

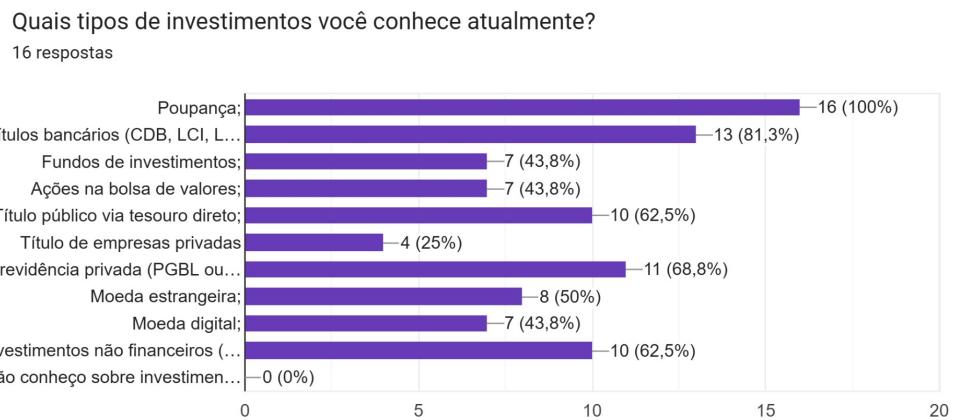
Os dados da pesquisa indicam que todos os respondentes (100%) conhecem a poupança, sendo este o tipo de investimento mais amplamente reconhecido. Outros investimentos também obtiveram destaque, como títulos bancários (81%), previdência privada (68,8%), e títulos públicos via Tesouro Direto (62,5%). Investimentos em imóveis e outros bens não financeiros também são conhecidos por 62,5% dos respondentes, enquanto moedas estrangeiras são reconhecidas por metade do grupo (50%).

Já investimentos mais sofisticados, como fundos de investimento (43,8%), ações na bolsa de valores (43,8%), e moedas digitais (43,8%), apresentam um nível de conhecimento menor, mas ainda relevante. Por outro lado, o conhecimento sobre títulos de empresas privadas é o mais baixo, com apenas 25% dos respondentes afirmando conhecer esse tipo de aplicação financeira. Nenhum dos entrevistados declarou total desconhecimento sobre investimentos, o que demonstra um nível elevado de familiaridade com opções de aplicação financeira.

No material da ANBIMA (2024), a poupança também figura como o investimento mais conhecido, sendo citada por 22% dos entrevistados, indicando uma convergência entre os dois grupos quanto à popularidade desse tipo de aplicação, porém com uma discrepância em relação ao percentual de conhecimento sendo representado por 100% dos docentes.

Contudo, enquanto na ANBIMA (2024) apenas 11% dos investidores afirmaram conhecer ações na bolsa de valores, segundo maior percentual dentre os brasileiros, a pesquisa local registrou um índice muito mais alto (43,8%). A previdência privada também apresentou maior conhecimento entre os docentes (68,8%) do que em nível nacional (2%). Por outro lado, investimentos como fundos de investimento e título público têm um reconhecimento mais expressivo no levantamento nacional (10% e 7%, respectivamente) em relação aos dados locais (43,8% e 62,5% respectivamente). Esses dados sugerem que o perfil dos docentes revela um nível de conhecimento mais avançado em certas modalidades de investimento, possivelmente relacionado a sua maior estabilidade financeira e interesse em diversificar aplicações.

Gráfico 8 - Quais tipos de investimentos você conhece atualmente?

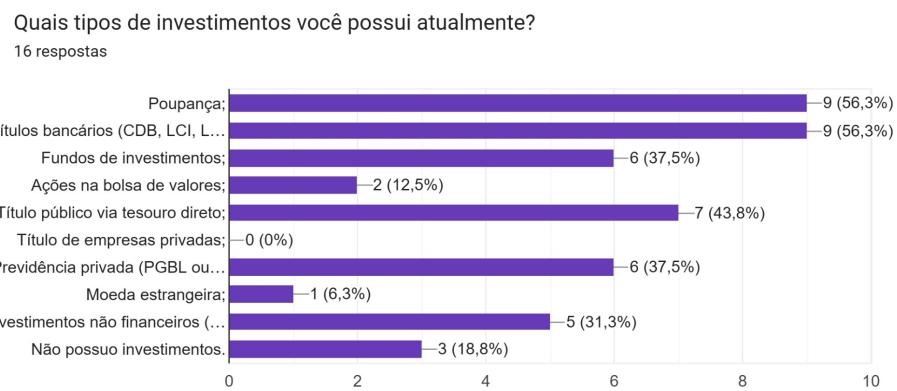


Fonte: o autor.

4.3.8 Utilização de produtos de investimentos

A pesquisa com os docentes da IES estudada revela os tipos de investimentos do grupo, destacando a predominância de produtos financeiros tradicionais. A caderneta de poupança e os títulos bancários (CDB, LCI, LCA etc.) são os investimentos mais comuns, com 56% dos participantes possuindo ambos. Os fundos de investimento são detidos por 37,5%, enquanto 43,8% investem em títulos públicos via Tesouro Direto. Ações na bolsa de valores e previdência privada (PGBL ou VGBL) são possuídas por 12,5% e 37,5%, respectivamente. Investimentos em moeda estrangeira são menos frequentes, com 6,3% dos participantes, e investimentos não financeiros, como imóveis, são detidos por 31,5%. Além disso, 18,8% dos indivíduos não possuem investimentos.

Gráfico 9 - Tipos de investimentos você possui atualmente



Fonte: o autor.

Comparando esses dados com a 7^a edição do *Raio X do Investidor Brasileiro*, da ANBIMA (2024), observa-se que a caderneta de poupança é o produto financeiro mais utilizado, com 25% de representatividade entre os investidores a nível nacional. Os títulos bancários, como CDBs, LCIs e LCAs, não estão mostrados detalhadamente na pesquisa da ANBIMA (2024), enquanto os fundos de investimento são detidos por 4% da população em geral. As ações na bolsa de valores, planos de previdência privada e os títulos públicos via Tesouro Direto são possuídas por 2% dos investidores em cada uma das três categorias, moedas digitais representam 4% no âmbito nacional. Investimentos não financeiros, como imóveis, são mencionados por 4% dos investidores também. Além disso, 57% da população não investe, indicando uma diferença significativa em relação ao grupo analisado na pesquisa apresentada.

Tabela 3 - Comparação do tipo de investimento possuído pelos entrevistados em comparação a pesquisa da ANBIMA (2024)

Tipo de investimento	Pesquisa com docentes (%)	Pesquisa ANBIMA (2024) (%)
Caderneta de poupança	56%	25%
Títulos bancários (CDB, LCI, LCA, etc.)	56%	Não especificado
Fundos de investimento	37,5%	4%
Títulos públicos (Tesouro Direto)	43,8%	2%
Ações na bolsa de valores	12,5%	2%
Previdência privada (PGBL ou VGBL)	37,5%	2%
Moeda estrangeira	6,3%	Não especificado
Moedas digitais	Não mencionado	4%
Investimentos não financeiros (imóveis, etc.)	31,5%	4%
Não possui investimentos	18,8%	57%

Fonte: ANBIMA (2024) e o autor.

Os dados da ANBIMA (2024) indicam que, no Brasil, a maioria dos investidores tem um nível de escolaridade relativamente mais baixo, e isso reflete na preferência por investimentos mais conservadores, como a caderneta de poupança (25%), enquanto alternativas mais sofisticadas, como fundos de investimento (4%), títulos públicos (2%), e ações (2%), são menos utilizadas. Além disso, 57% da população não investe, o que evidencia um baixo nível de inclusão financeira.

Por outro lado, os docentes analisados neste TCC apresentam um perfil financeiro mais ativo e diversificado, possivelmente devido à maior familiaridade com conceitos econômicos e à capacidade de buscar informações sobre produtos financeiros. Isso pode ser observado na alta adesão a fundos de investimento (37,5%), títulos públicos (43,8%), previdência privada (37,5%) e investimentos não financeiros (31,5%), contrastando com os números reduzidos desses mesmos produtos na pesquisa da ANBIMA (2024).

Os dados do TCC corroboram a hipótese de que o nível de escolaridade impacta diretamente o perfil do investidor. Enquanto a pesquisa da ANBIMA (2024) mostra que a maior parte da população brasileira ainda não investe ou recorre a produtos financeiros básicos, os docentes, com maior formação acadêmica, demonstram maior propensão a explorar investimentos diversificados e de maior potencial de rendimento. Isso reforça a importância da educação financeira, pois o acesso à informação pode reduzir barreiras e ampliar a participação de diferentes grupos sociais no mercado de investimentos (referências).

4.3.9 Principais fontes de informação

Na pesquisa realizada com os docentes da instituição privada de ensino superior, os principais meios de busca de informações sobre investimentos foram: aplicativos e sites de bancos ou corretoras de investimentos (31,3%) e falando com o gerente ou assessor presencialmente (25%). Já os amigos ou parentes representam 18,8% das respostas, enquanto sites de notícias e o grupo dos que não se interessam ou não buscam informações aparecem com 12,5% cada. Nenhum docente relatou utilizar influenciadores financeiros, consultorias especializadas ou fóruns e blogs de investimentos como fontes de informação, como apresentado no gráfico 10.

Gráfico 10 - Fontes de informação

Qual o principal meio que você busca informações sobre investimentos? -
Marque o principal.

16 respostas



Fonte: o autor.

Em comparação com o *Raio X do Investidor Brasileiro* (7ª edição) da ANBIMA (2024), os resultados mostram algumas diferenças marcantes. Gerentes de banco e assessores são citados

como uma das principais fontes de informação (28%), corroborando o hábito de buscar orientação presencial. Contudo, o uso de aplicativos e sites de bancos ou corretoras é bem mais expressivo entre os docentes (31,3%) do que na média nacional (12%).

Os dados da ANBIMA (2024) revelam ainda que amigos e parentes são fontes de consulta para 18% dos investidores, valor praticamente igual aos 18,8% observados entre os docentes. Por outro lado, os influenciadores financeiros, que têm 5% de representatividade nacional, não foram mencionados pelos docentes.

Outro contraste significativo está na parcela dos que não buscam informações sobre investimentos: entre os docentes, essa porcentagem é de 12,5%, superior aos 9% registrados na pesquisa nacional. Isso indica que, apesar de barreiras como falta de interesse ou conhecimento mais profundo, o grupo docente estudado demonstra menor engajamento no tema em relação ao panorama geral do Brasil.

Esses dados sugerem que os docentes estudados, em geral, utilizam ferramentas digitais e redes pessoais de maneira mais ativa para buscar informações, embora fontes emergentes, como influenciadores financeiros, ainda não tenham forte penetração nesse grupo específico. Vale destacar que na pesquisa da ANBIMA (2024) os resultados apresentados pelos que buscam fontes de informação sobre investimentos frisou apenas a parcela dos que investem, diminuindo assim a amostragem em âmbito nacional⁴.

Tabela 4 - Comparaçao entre as fontes de informação sobre investimentos entre os entrevistados e os dados da pesquisa ANBIMA (2024).

Fonte de informação	Pesquisa com docentes (%)	Pesquisa ANBIMA (2024) (%)
Aplicativos e sites de bancos ou corretoras	31,3%	12%
Falando com o gerente ou assessor	25%	28%
Amigos ou parentes	18,8%	18%
Sites de notícias	12,5%	Não especificado
Não busca informações sobre investimentos	12,5%	9%
Influenciadores financeiros	0%	5%
Consultorias especializadas ou fóruns ou blogs	0%	Não especificado

Fonte: ANBIMA (2024) e o autor.

⁴ Base investidores – 2.176 entrevistas (ANBIMA, 2023)

4.3.10 Principal canal por onde investe em produtos financeiros

Nesta seção houve uma quantidade de respondentes menor, apenas um total de 13, diminuindo assim a amostragem no contexto da instituição privada. Na pesquisa realizada com os docentes da IES estudada, o aplicativo do banco destacou-se como o principal canal para investimentos em produtos financeiros, sendo utilizado por 76,9% dos respondentes. Outros canais mencionados foram o site do banco, com 15,4%, e pessoalmente no banco, com 7,7%. Nenhum respondente relatou utilizar aplicativos ou sites de corretoras, nem o telefone do banco como canal para investir.

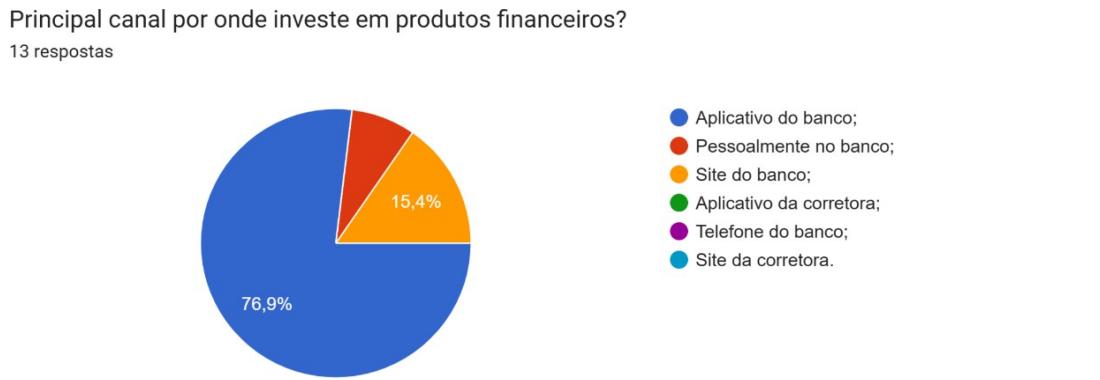
Ao comparar esses dados com o *Raio X do Investidor Brasileiro* (7^a edição) da ANBIMA (2024), observa-se um padrão semelhante na preferência por canais bancários, com 45% dos investidores nacionais utilizando o aplicativo do banco para acessar produtos financeiros. Esse resultado, embora elevado, é inferior ao percentual identificado entre os docentes pesquisados, o que pode indicar maior familiaridade desse grupo específico com a tecnologia bancária.

Na pesquisa nacional, sites dos bancos também aparecem como uma alternativa, mas não relevante, sendo mencionados por 6% dos investidores, percentual mais baixo que o observado entre os docentes (15,4%). Já o atendimento presencial no banco representa 38% das escolhas na ANBIMA (2024), mais do que o registrado entre os docentes (7,7%).

Por outro lado, a pesquisa da ANBIMA (2024) destaca uma maior penetração de canais de corretoras, como aplicativos (4%) e sites (2%), que não foram utilizados por nenhum dos respondentes docentes. Isso sugere que, enquanto os investidores brasileiros em geral estão começando a diversificar os canais utilizados para investir, o grupo de docentes estudado ainda se concentra predominantemente em opções bancárias tradicionais.

Essas diferenças podem ser atribuídas a fatores como nível de conhecimento sobre o mercado financeiro e preferência por instituições que transmitem segurança e praticidade, reforçando o papel predominante dos bancos tradicionais nesse perfil de investidor.

Gráfico 11 - Principal canal por onde investe em produtos financeiros



Fonte: o autor.

4.3.11 Principal objetivo do investimento

Na pesquisa realizada com os docentes de uma instituição privada de ensino superior, o principal objetivo dos investimentos foi "manter aplicado, ter dinheiro guardado para reserva ou segurança", citado por 50% dos respondentes. Outros objetivos mencionados foram "usar na velhice ou aposentadoria" e "lucro ou aumentar o rendimento", ambos com 12,5%, além de "educação", com 6,3%. Destaca-se que 18,8% declararam não investir atualmente, como pode-se observar no gráfico 12.

Gráfico 12 - Qual o principal objetivo do investimento



Fonte: o autor.

Comparando com a 7^a edição do *Raio X do Investidor Brasileiro* da ANBIMA (2024), nota-se que a “compra de um imóvel ou casa própria” lidera os objetivos de investimento no Brasil, sendo apontada por 33,1% dos investidores nacionais. Essa falta de alinhamento demonstra que os docentes se diferem em relação à média dos brasileiros e enxergam a segurança financeira como uma prioridade ao investir.

A aposentadoria aparece como objetivo para 8,9% dos investidores brasileiros, um percentual inferior aos 12,5% observados entre os docentes. Já a busca por lucro ou aumento de rendimento, mencionada por 1,3% no cenário nacional, é mais expressiva entre os docentes (12,5%).

Outros objetivos de destaque na pesquisa da ANBIMA (2024), como viagens (10,3%), compra de carro, moto ou caminhão (10,3%), e investimento em negócios próprios (8,2%), não foram mencionados pelos docentes. Além disso, objetivos específicos como herança (deixar para os filhos), que aparecem na pesquisa nacional com menor relevância (4,9%), também não foram citados por esse grupo.

Por outro lado, a porcentagem de docentes respondentes que não investem atualmente (18,8%) é significativamente menor do que a média nacional de 63% registrada na pesquisa da ANBIMA (2024). Isso indica que os docentes dessa instituição estão mais engajados no mercado financeiro em comparação com a população geral.

Essas diferenças podem refletir as prioridades e condições específicas do grupo de docentes pesquisado, que parecem priorizar segurança e estabilidade financeira, deixando objetivos como lazer ou bens materiais em segundo plano.

Tabela 5 - Comparaçāo entre os objetivos dos investimentos dos docentes e os dados da ANBIMA (2024)

Objetivo do Investimento	Pesquisa com Docentes (%)	Pesquisa ANBIMA (2024) (%)
Manter aplicado, ter dinheiro guardado para reserva ou segurança	50%	Não especificado
Compra de imóvel ou casa própria	0%	33,1%
Usar na velhice ou aposentadoria	12,5%	8,9%
Lucro ou aumentar o rendimento	12,5%	1,3%
Educação (para estudo próprio ou de parentes)	6,3%	Não especificado
Viagens, passeios ou lazer	0%	10,3%
Compra de carro, moto ou caminhão	0%	10,3%
Investimento em negócios próprios	0%	8,2%
Deixar herança para os filhos	0%	4,9%
Não investe atualmente	18,8%	63%

Fonte: ANBIMA (2024) e o autor.

4.3.12 Principal postura adotada para conseguir economizar

Na pesquisa realizada com os docentes de uma instituição privada, a principal postura adotada para economizar foi "guardar parte do salário todo mês e controlar despesas", com 31,3% dos respondentes. Outros comportamentos destacados foram "controle das despesas, com adoção de um planejamento financeiro" (25%), "reduções de gastos por ter deixado de sair" e "trabalhar mais", ambos com 18,8%. Além disso, "não fez dívidas" foi citado por 6,3%, enquanto nenhum participante relatou pesquisar preços ou não ter o hábito de economizar.

Comparando com a 7^a edição do *Raio X do Investidor Brasileiro* da ANBIMA (2024), observa-se que os comportamentos relacionados à economia seguem tendências gerais, mas com algumas particularidades. Na pesquisa da ANBIMA (2024), "Diminuiu gastos ou deixou de sair" foi a principal atitude mencionada por 44% dos investidores, valor superior ao registrado entre os docentes (18,3%).

A prática de guardar parte do salário todo mês, altamente valorizada entre os docentes estudados (31,3%), é uma atitude menos destacada na média nacional, ficando em torno de

17% na pesquisa da ANBIMA (2024). A diferença pode refletir maior conscientização desses docentes sobre a necessidade de poupar regularmente.

Por outro lado, a atitude de "trabalhar mais", mencionada por 18,8% dos docentes respondentes, é um comportamento também citado na pesquisa nacional (12%), indicando que esses docentes podem estar recorrendo a esforços adicionais, como atividades extras ou complementares, para garantir economias.

A pesquisa de preços, comportamento não muito relevante no panorama nacional com 4%, não foi mencionada entre os docentes respondentes, sugerindo uma menor prioridade ou percepção de impacto dessa prática no grupo analisado. Além disso, nenhum docente relatou não ter o hábito de economizar, contrastando fortemente com a ANBIMA (2024), que identificou que uma parcela significativa da população (70%) não economiza regularmente.

Esses dados mostram que os docentes estudados têm um perfil mais disciplinado no que se refere à economia e gestão financeira, com destaque para a prática de poupança mensal e controle de despesas, mas também evidenciam desafios que os levam a buscar complementação de renda como alternativa.

Gráfico 13 - principal postura adotada para conseguir economizar

Principal postura adotada para conseguir economizar

16 respostas



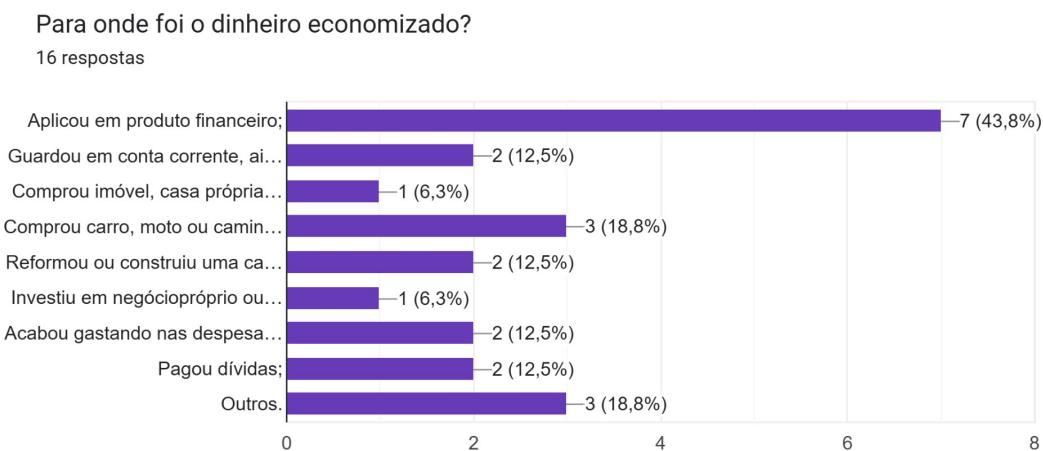
Fonte: o autor.

4.3.13 Destino do dinheiro economizado

Na pesquisa realizada com os docentes de uma instituição privada de ensino superior, o destino mais comum para o dinheiro economizado foi "aplicação em produtos financeiros", com 43,8%. Outros destinos mencionados incluem "compra de imóvel, casa própria ou

terreno" (18,8%) e "compra de carro, moto ou caminhão" (18,8%). Além disso, "reforma ou construção de casa", "guardar em conta corrente", "pagar dívidas" e "gastos com despesas de casa ou aluguel" foram mencionados por 12,5% cada. "Investir em negócio próprio" foi citado por 6,3% e 18,8% relataram destinos classificados como "outros", como é apresentado no gráfico 14.

Gráfico 14 - Destino do dinheiro economizado



Fonte: o autor.

Comparando esses resultados aos dados da ANBIMA (2024), observa-se que no perfil dos docentes estudados há pontos de convergência e divergências em alguns aspectos importantes. Na pesquisa da ANBIMA (2024), 42% dos investidores destinam recursos para aplicações financeiras, percentual em linha ao registrado entre os docentes respondentes (43,8%). Isso reflete uma maior inclinação tanto desses docentes, quanto no âmbito nacional, para alocar suas economias em produtos de investimento.

A aquisição de bens duráveis, tanto de imóveis quanto de veículos aparece como um destino semelhante entre os docentes estudados quanto na pesquisa da ANBIMA (2024). Na população nacional, 7% destinam recursos para a compra de imóvel, enquanto 6% compram veículos, percentuais próximos aos 6,3% registrados entre os docentes respondentes para compra de imóveis, mas há uma divergência em relação à aquisição de veículos 18,3% desses docentes contra 6% no contexto nacional.

Enquanto 6% da população nacional prioriza o pagamento de dívidas com o dinheiro economizado, entre os docentes da amostra estudada esse percentual é maior (12,5%). Esse dado sugere que esses docentes possuem maior endividamento ou priorizam a quitação de suas dívidas. No quesito guardar dinheiro sem destino específico ou mantê-lo na conta corrente foi mencionado por 12,5% dos docentes respondentes, valor inferior ao cenário nacional, onde cerca de 18% dos indivíduos mantêm recursos disponíveis sem alocar em investimentos específicos.

Apenas 6,3% dos docentes respondentes relataram investir em negócios próprios, enquanto na pesquisa da ANBIMA (2024) esse número é semelhante, com 5% dos entrevistados direcionando recursos para empreendimentos ou capital de giro.

Esses dados refletem um perfil de professores que se preocupa em aplicar suas economias em investimentos e na compra de bens duráveis, com uma tendência a priorizar segurança financeira e estabilidade. A maior destinação para o pagamento de dívidas, em comparação à média nacional, pode estar relacionada a condições econômicas específicas do grupo analisado.

Tabela 6 - Comparaçāo entre os dados da pesquisa com docentes e os da ANBIMA (2024) sobre o destino do dinheiro economizado

Destino do Dinheiro Economizado	Pesquisa com Docentes (%)	Pesquisa ANBIMA (2024) (%)
Aplicação em produtos financeiros	43,8%	42%
Compra de imóvel, casa própria ou terreno	18,8%	7%
Compra de carro, moto ou caminhão	18,8%	6%
Reforma ou construção de casa	12,5%	Não especificado
Guardar em conta corrente, sem destino	12,5%	18%
Pagar dívidas	12,5%	6%
Gastos com despesas de casa ou aluguel	12,5%	Não especificado
Investir em negócio próprio	6,3%	5%
Outros	18,8%	Não especificado

Fonte: ANBIMA (2024) e o autor.

4.3.14 Percepção das vantagens de aplicar o dinheiro em produtos financeiros

Na pesquisa realizada com os docentes de uma instituição privada de ensino superior, a segurança financeira foi apontada como a principal vantagem percebida em aplicar dinheiro em produtos financeiros, com 56,3% das respostas. Outros aspectos destacados foram economia ou não perder o controle dos gastos (37,5%) e “aplicar, comprar, investir em bens ou alcançar objetivos” (37,5%). Além disso, “retorno financeiro” e “poder retirar o dinheiro em caso de necessidade” foram mencionados por 25% dos participantes cada. Apenas 6,3% dos docentes relataram não saber identificar uma vantagem, e ninguém considerou que não há vantagens em investir.

Quando comparado ao *Raio X do Investidor Brasileiro* (7^a edição) da ANBIMA (2024), algumas diferenças notáveis emergem.

Enquanto 56,3% dos docentes respondentes veem a “segurança financeira” como a principal vantagem, esse percentual é significativamente maior do que os 36% observados no cenário nacional. Isso demonstra que esses docentes atribuem maior valor à proteção de seus recursos, possivelmente devido à instabilidade econômica ou à busca por maior estabilidade em suas finanças pessoais.

A percepção de “retorno financeiro” como vantagem foi mencionada por 25% dos docentes pesquisados, valor ligeiramente superior ao observado nacionalmente (20%). Essa diferença pode indicar uma conscientização levemente maior entre esses docentes sobre o potencial de crescimento dos investimentos.

Em relação ao “Poder retirar o dinheiro em caso de necessidade” este aspecto foi destacado por 25% dos docentes que participaram da pesquisa, número muito acima dos 6% registrados nacionalmente nos respondentes da pesquisa da ANBIMA. Isso sugere que os docentes respondentes valorizam mais a liquidez como uma característica essencial dos investimentos, provavelmente como forma de manter flexibilidade diante de imprevistos financeiros.

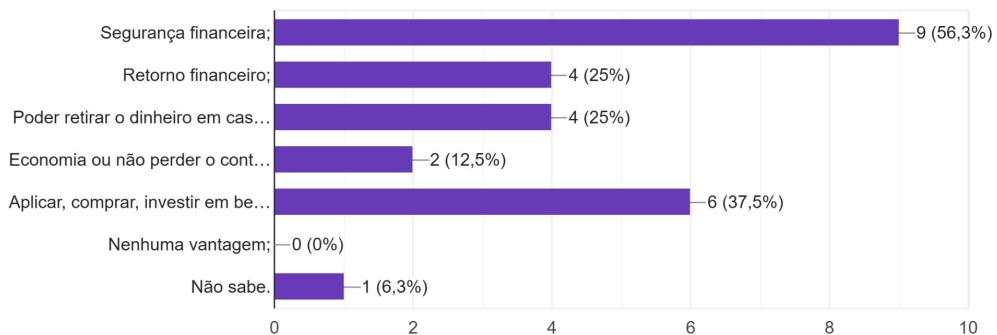
Entre os docentes respondentes, 37,5% reconhecem que a vantagem em “economia ou não perder o controle dos gastos”, esse ponto foi observado em apenas 3% dos investidores brasileiros. Isso pode indicar que esses professores percebem os investimentos como uma ferramenta para disciplinar suas finanças, diferentemente da população em geral. Em relação a não saber ou não perceber vantagens em aplicar os recursos financeiros. No âmbito nacional, 14% dos respondentes da ANBIMA afirmaram não ver vantagens em aplicar dinheiro, e 15% disseram não saber. Esses percentuais contrastam fortemente com os

docentes, onde ninguém relatou ausência de vantagens e apenas 6,3% declararam desconhecimento.

Gráfico 15 - Vantagens de aplicar o dinheiro em produtos financeiros

Na sua opnião quais vantagens de aplicar o dinheiro em produtos financeiros?

16 respostas



Fonte: o autor.

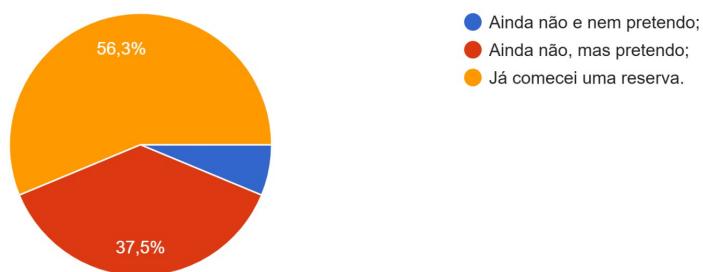
4.3.15 Planejamento para aposentadoria

Os resultados da pesquisa mostram que 56,3% dos docentes estudados já começaram a poupar para a aposentadoria, enquanto 37,5% ainda não pouparam, mas pretendem, e apenas 6,3% indicaram que não pouparam e nem têm intenção de fazê-lo. Esses números contrastam significativamente com os dados nacionais apresentados pela ANBIMA (2024), que apontam que apenas 19% dos não aposentados no Brasil possuem alguma reserva financeira para a aposentadoria, sendo que a maioria (58%) ainda não começou, mas pretende e 23% não iniciou uma reserva para esse propósito e nem pretende. A disparidade sugere que os docentes estudados possuem uma preocupação muito maior com a construção de uma reserva financeira, o que pode estar relacionado à sua maior escolaridade ou ao entendimento das limitações do sistema previdenciário público, especialmente no que se refere à dependência do INSS.

Gráfico 16 – Intenção de poupar para a aposentadoria

Você já começou a poupar para a aposentadoria?

16 respostas



Fonte: o autor.

4.3.16 Expectativa de onde virá o principal sustento na aposentadoria

A pesquisa realizada neste TCC revelou que 62,5% dos docentes respondentes acreditam que o INSS será sua principal fonte de sustento na aposentadoria, enquanto 25% mencionaram que virá da previdência privada, e apenas 12,5% confiam que aplicações financeiras terão relevância nesse período. Comparativamente, a pesquisa da ANBIMA (2024) indica que 58,6% da população brasileira não aposentada também confia na previdência pública como principal fonte de renda, 19,1% acreditam que continuarão trabalhando, e 12,6% esperam contar com aplicações financeiras. Esses dados destacam que, embora tanto os docentes pesquisados quanto a média nacional depositem grande confiança no INSS, esses professores apresentam um percentual mais elevado de previdência complementar (25%), o que pode refletir uma percepção de insuficiência da renda proporcionada pelo sistema público de previdência para atender às suas necessidades futuras.

Gráfico 17 – Expectativa de onde virá o principal sustento na aposentadoria



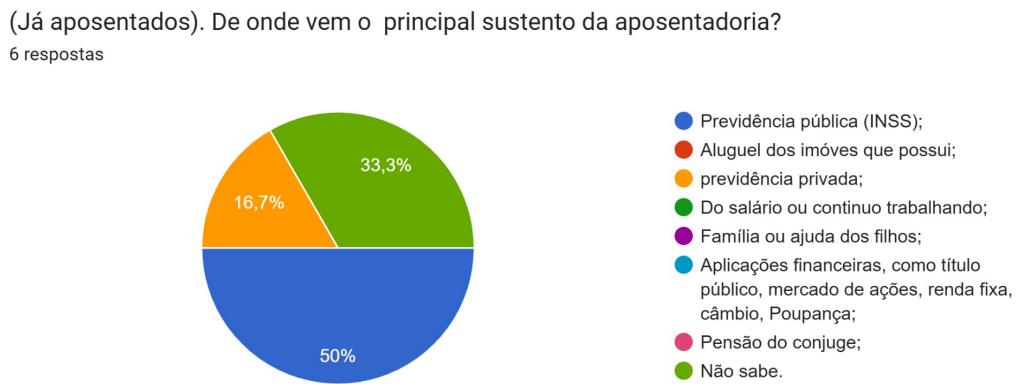
Fonte: o autor.

4.3.17 Origem do principal sustento da aposentadoria dos respondentes aposentados

Entre os docentes respondentes que já contam com o benefício do INSS, 50% dependem da previdência pública como principal fonte de sustento na aposentadoria, 33,3% citaram que “não sabem” e 16,7% indicaram a previdência privada. Na pesquisa da ANBIMA (2024), 93,3% da população brasileira também indicaram que o INSS é a maior fonte de renda na aposentadoria, enquanto os recursos provenientes de aluguéis e previdência privada representaram 4,2% e 4,1%, respectivamente.

Esses dados mostram que, embora o INSS seja a base para a maioria, os docentes respondentes aposentados apresentam maior diversificação de fontes de renda, especialmente com a previdência privada (16,7%), em comparação à média nacional, refletindo uma possível maior organização financeira ou acesso a patrimônios acumulados ao longo da carreira.

Gráfico 18 - Origem do principal sustento da aposentadoria dos docentes aposentados



Fonte: o autor.

4.3.18 Idade na qual planeja se aposentar

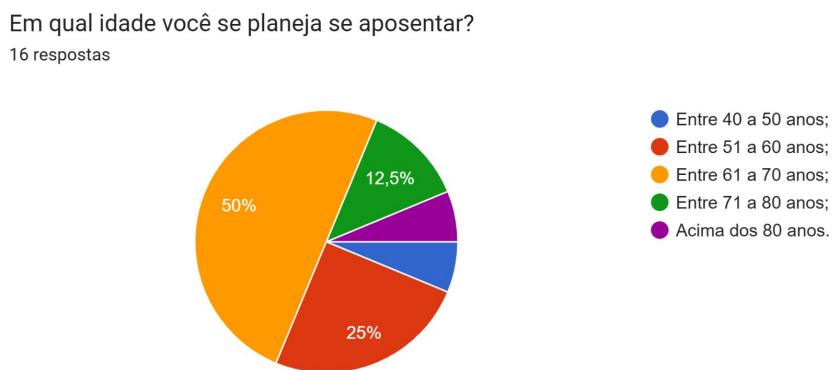
A pesquisa realizada com os docentes da instituição privada de ensino superior utilizou uma abordagem por faixas etárias para identificar a idade planejada para a aposentadoria, enquanto a pesquisa da ANBIMA (2024) apresentou a média nacional de 58,8 anos. Essa diferença metodológica permite uma análise complementar: enquanto a faixa de idade evidencia a dispersão das respostas e as preferências dos indivíduos em diferentes estágios da vida, a média nacional simplifica os dados em um valor central.

De acordo com os dados coletados junto aos docentes respondentes, 50% pretendem se aposentar entre 61 e 70 anos, uma faixa que está acima da média nacional apontada pela ANBIMA (2024). Outros 25% planejam a aposentadoria entre 51 e 60 anos, intervalo que se alinha diretamente com a média de 58,8 anos. Uma parcela menor, 12,5%, indicou a pretensão de se aposentar entre 71 e 80 anos, enquanto 6,3% dos respondentes alegaram que pretendem se aposentar em faixas anteriores aos 50 anos ou superiores a 80 anos. Esses resultados sugerem uma maior predisposição desses docentes em prolongar suas atividades profissionais, possivelmente devido à necessidade de estabilidade financeira ou à dependência do sistema previdenciário público.

Por outro lado, a média nacional de 58,8 anos apresentada pela ANBIMA (2024) reflete uma expectativa de aposentadoria em uma idade inferior àquela predominante entre os docentes da amostra pesquisada. Essa discrepância pode ser explicada por fatores como o

maior nível de escolaridade e compreensão sobre as limitações do INSS entre os professores respondentes, além de questões relacionadas à sustentabilidade financeira pós-aposentadoria. Dessa forma, a análise comparativa revela diferenças importantes nas percepções sobre o momento ideal de aposentadoria entre o público docente estudado e a média nacional.

Gráfico 19 - Idade na qual planeja se aposentar



Fonte: o autor.

4.4 Propostas para a melhoria da educação financeira dos docentes

Nesta seção, serão apresentadas estratégias e sugestões para promover práticas financeiras mais conscientes e saudáveis entre os docentes de ensino superior. Com base nos dados coletados e na análise comparativa com a pesquisa Investidores em Foco 2023 da ANBIMA (2024), as proposições a seguir buscam contribuir para a alfabetização financeira desse público, fundamentadas em estudos recentes sobre o tema. Serão apresentadas ao total 9 sugestões de práticas que podem trazer resultados benéficos para a área financeira dos docentes. Mesmo que algumas das sugestões pareçam óbvias, é importante frisar que muitas vezes o óbvio também precisa ser dito.

Como o objetivo deste trabalho não é esgotar o assunto, caso queira aprofundar mais as sugestões abordadas, indica-se olhar a bibliografia que embasa o tema. A seguir é listado quais passos podem ser levados em consideração para atingir o pleno equilíbrio financeiro.

4.4.1 Formação contínua em educação financeira

Há indícios de benefícios em promover cursos de formação contínua voltados para a educação financeira para a sociedade em geral. A integração da educação financeira de forma contínua contribui para a promoção de comportamentos financeiros mais conscientes. Brunet (2018) relata que pessoas ao receberem suporte educacional específico, tornam-se mais aptos a identificar e superar barreiras emocionais e culturais relacionadas ao dinheiro, potencializando sua autonomia e estabilidade. Abordar temas na educação contínua como planejamento financeiro, estratégias de investimento e gestão de riscos, adaptados às realidades do público-alvo traz melhoria do planejamento financeiro.

Mas o que seria educação financeira? Segundo a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF)⁵ pode-se definir como:

O processo no qual os indivíduos melhoram a sua compreensão em relação ao dinheiro e produtos com informação, formação e orientação. Nesse sentido, geram-se os valores e as competências necessários para se tornarem mais conscientes das oportunidades e riscos envolvidos. Para assim poderem fazer escolhas bem informadas” (Banco Central do Brasil, 2013, n.p.).

Ou seja, com a educação financeira você aprende a analisar riscos, necessidades reais de uma compra e como ela pode impactar seu orçamento. Isso ajudará na tomada de decisão na hora de encarar uma negociação com o banco oferecendo crédito ou outros produtos bancários. Sabendo escolher e discernir entre a melhor opção e não deixando-se levar pela emoção ou influência do negociador. Pode-se ainda frisar que a educação financeira ajuda no planejamento futuro definindo a melhor aplicação do seu dinheiro (Creditas, 2024).

Para complementar, a capacitação em competências emocionais e financeiras contribui para melhorar a tomada de decisões e o bem-estar, potencializando sua autonomia pessoal e profissional (Goleman, 2011). Desta forma, a educação financeira é um passo fundamental para a estabilidade financeira, contribuindo assim para uma estabilidade emocional, porém exige comprometimento e muita disciplina.

4.4.2 Planejamento financeiro

Como já abordado anteriormente, a relação com o dinheiro é algo emocional (Brunet, 2018). A questão de prioridades e objetivos financeiros muda de pessoa para pessoa, mesmo

⁵ Esse documento é versão em português do capítulo *Brazil: Implementing the National Strategy*, que faz parte do estudo *Advancing National Strategies for Financial Education*, publicado em conjunto pela Presidência Russa do G20 e pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).⁶

assim ter um orçamento buscando conhecer e registrar suas receitas e despesas, tendo o cuidado de catalogar e planificar cada uma delas faz a diferença na hora de tomar uma decisão de compra, tornando-se algo mais racional e menos impulsivo (Creditas, 2024).

O primeiro passo para um planejamento financeiro é começar registrando suas receitas, sabendo-se claramente qual é a sua renda mensal. Inclusive aquelas advindas de rendas extras. Sem isso, fica difícil mensurar quanto pode gastar sem ultrapassar o orçamento (Creditas, 2024).

A segunda atitude considerada fundamental é o conhecimento real dos seus gastos mensais, separando em gastos fixos (água, luz, gás, condomínio, aluguel, financiamentos...) não deixando de observar e registrar com mais cuidado os variáveis (viagens, restaurantes, presentes, vestuário, utilidades domésticas...) pois esses são muitas vezes os que fogem do controle por ter sido gerado através de uma necessidade ou vontade de compra sem planejamento (Creditas, 2024).

Com isso realizado é criado um balanço do orçamento doméstico, dando clareza da real situação financeira vivida, podendo-se a partir desse ponto tomar decisões estratégicas. Decisões como determinar-se o percentual para cada gasto e buscar seguir esse parâmetro. Não existe uma fórmula considerada ideal, pois cada pessoa tem o seu objetivo próprio, porém vários analistas relatam (Terra, 2012) que comprometer um teto máximo de 30% da sua renda mensal com dívidas⁶, sendo o ideal permanecer em torno dos 20%. Após esse balanço realizado é importante observar se está vivendo abaixo do potencial de gastos, ou seja, vivendo com menos dinheiro do que se ganha.

4.4.3 Refinanciar suas dívidas

No mercado financeiro, é comum as taxas de juros apresentarem oscilações, aumentando ou diminuindo ao longo do tempo. Essa dinâmica abre oportunidades para que dívidas contratadas em períodos de juros mais altos sejam renegociadas ou substituídas por contratos com taxas menores, permitindo economia no longo prazo. Esse processo, conhecido como refinanciamento de dívidas, não exige um elevado grau de conhecimento financeiro. Para realizá-lo, o indivíduo deve consultar o gerente do banco ou a administradora da dívida,

⁶ De acordo com analistas, os consumidores devem comprometer no máximo 30% da sua renda líquida com todos os pagamentos parcelados (Terra, 2012).

verificando as condições da taxa de financiamento atual e questionando a possibilidade de renegociação.

Caso o contrato vigente não permita a renegociação por suas cláusulas, outra estratégia viável é buscar um empréstimo em outra instituição financeira, ou até mesmo na mesma, com uma taxa mais atrativa. Com os recursos obtidos, o consumidor pode quitar a dívida anterior, substituindo-a por uma mais vantajosa. Essa prática é amplamente utilizada por empresas e é conhecida como "portabilidade de crédito" ou reestruturação financeira.

Conforme Planejar e CVM (2019), essa estratégia permite não apenas reduzir o custo financeiro, mas também melhorar o fluxo de caixa pessoal ou empresarial. É importante, no entanto, atentar para os custos adicionais envolvidos, como taxas administrativas e impostos, que podem impactar a viabilidade do refinanciamento. Além disso, manter o controle sobre os prazos e valores das novas parcelas é essencial para evitar endividamento excessivo ou descontrole financeiro.

4.4.4 Definindo objetivos

Com o balanço financeiro pessoal realizado e adequando-se ao orçamento determinado, é importante a partir desse ponto definir prazos e objetivos claros para a realização de projetos pessoais. Sejam eles aquisição de algum bem, planejamento para uma viagem, a quitação de dívidas ou até mesmo pensando na aposentadoria (como será abordado em um tópico próprio). A Associação Brasileira de Planejadores Financeiros (Planejar) junto com a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) em uma obra dedicada ao planejamento financeiro pessoal cita que a contemplação de planos deve ser holística, ou seja, abrangendo tanto os objetivos financeiros quanto outros aspectos da vida pessoal. Além disso, destacam a necessidade de flexibilidade para ajustar os objetivos às mudanças na situação financeira ou econômica do momento (Planejar e CVM, 2019).

Complementando essa visão, Creditas (2024) enfatiza que após compreender sua situação financeira atual, é essencial estabelecer onde se deseja chegar. Dividir os objetivos em prazos curtos, médios e longos torna o planejamento mais organizado e facilita a alocação de recursos de forma eficiente. Essa divisão pode ser exemplificada da seguinte forma:

- a) Curto prazo (6 meses a 1 ano): viajar nas férias ou adquirir um eletrodoméstico;

- b) Médio prazo (2 a 5 anos): comprar um carro à vista ou realizar uma reforma;
- c) Longo prazo (6 a 10 anos): comprar a casa própria ou investir em um fundo de aposentadoria.

Alocar os recursos com base nesses objetivos permite maior controle sobre as finanças, diminuindo a tentação de realizar compras impulsivas e aumentando as chances de concretizar metas financeiras. Estudos como o de Goleman (2011) apontam que a definição clara de objetivos está diretamente ligada à gestão emocional, ajudando a reduzir a ansiedade em relação ao futuro e promovendo decisões financeiras mais equilibradas.

4.4.5 Criação de reserva financeira

A discussão sobre a importância da criação de uma “reserva financeira” é essencial, especialmente por sua aplicabilidade em momentos de despesas inesperadas. Segundo Planejar e CVM (2019, p. 44), “estima-se que o valor deve variar entre três e seis meses das despesas correntes do indivíduo ou grupo familiar”. Entretanto, o termo “reserva financeira” pode assumir diferentes conotações dependendo da linguagem empregada. Enquanto alguns autores preferem denominá-la como “reserva de emergência”, há um debate sobre o impacto psicológico dessa escolha terminológica.

O termo “emergência” frequentemente evoca associações negativas, como medo, ansiedade e situações de crise. Em contrapartida, “reserva de oportunidade” sugere positividade, crescimento e preparação para situações vantajosas. Estudos em Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) reforçam que a forma como eventos financeiros são interpretados está diretamente ligada à linguagem utilizada para descrevê-los, o que pode influenciar respostas emocionais mais ou menos adaptativas (Beck, 2016).

Assim, a criação de uma “reserva de oportunidade” vai além de ser uma estratégia financeira, ela também se configura como uma ferramenta psicológica para incentivar comportamentos positivos em relação ao dinheiro. A adoção de termos com conotações mais otimistas, como “reserva de oportunidade”, promove uma percepção favorável e reduz a ansiedade frequentemente associada às finanças. Além disso, esse ajuste linguístico pode reforçar uma mentalidade proativa, focada em aproveitar as oportunidades que surgem no âmbito pessoal e profissional.

Do ponto de vista prático, a reserva financeira não apenas proporciona segurança em momentos de necessidade, mas também permite que o indivíduo ou família aproveite oportunidades inesperadas, como um investimento vantajoso ou uma oferta significativa. O montante ideal para essa reserva deve ser calculado considerando o padrão de consumo e as despesas correntes de cada família, o que varia de acordo com sua realidade econômica. Essa flexibilidade assegura que a reserva cumpra seu papel tanto como um amparo em períodos adversos quanto como um facilitador para projetos futuros e crescimento financeiro (Planejar; CVM, 2019; Creditas, 2024).

4.4.5.1 Onde aplicar a reserva financeira

A aplicação da reserva financeira deve priorizar segurança, liquidez e acessibilidade. Esses critérios são fundamentais para garantir que os recursos estejam disponíveis em emergências ou para aproveitar oportunidades. Segundo Planejar e CVM (2019, p. 44): “A liquidez é um elemento chave. A aplicação financeira deve permitir acesso imediato aos recursos, sem a possibilidade de perda”. Além disso, a segurança deve ser um fator prioritário, evitando investimentos com alto risco de desvalorização.

Robbins (2017) sugere que os recursos destinados a emergências ou oportunidades sejam alocados em instrumentos de baixo risco, como contas remuneradas, certificados de depósito bancário (CDBs) com liquidez diária, ou fundos de renda fixa conservadores. Ele reforça que “o objetivo dessa reserva não é obter grandes retornos, mas preservar o capital e estar preparado para o inesperado”.

Evitar erros emocionais ao escolher onde aplicar a reserva financeira é fundamental. Os recursos devem ser mantidos em produtos financeiros com baixíssimo risco de liquidez. É desnecessário em busca de retornos mais elevados na reserva financeira de curto prazo. A função da reserva é oferecer tranquilidade, e não gerar ansiedade com oscilações de mercado (Robbins, 2017)

Portanto, ao aplicar a reserva financeira, é essencial optar por instrumentos como Tesouro Selic, contas de pagamento remuneradas, ou mesmo poupança, dependendo do perfil e da necessidade de liquidez imediata. Esse cuidado assegura que os recursos cumpram seu papel de proteção financeira e suporte em momentos críticos, evitando problemas de acesso ou perda de valor (Planejar; CVM, 2019).

4.4.6 Entender a diferença entre poupar e investir

A prática de poupar difere significativamente da prática de investir, embora ambas sejam essenciais para uma boa saúde financeira. Poupar está associado ao hábito de economizar e reservar uma quantia mensal ou periódica, geralmente com o objetivo de criar uma reserva financeira de curto, médio ou longo prazo. Já investir está relacionado à busca por canais que permitam alocar esses recursos poupados, ou até mesmo uma quantia obtida de forma extraordinária, como uma herança ou sorteio, com o objetivo de gerar rendimentos no médio ou longo prazo.

Segundo Planejar e CVM (2019, p. 35), "não é fácil reservar parte da nossa renda para objetivos futuros. As necessidades imediatas são inúmeras, e as vontades, que proporcionam prazer imediato, tentadoras". Isso evidencia a importância da disciplina financeira como base para o hábito de poupar, que deve ser complementada por decisões conscientes e estratégicas ao investir.

Investir, como afirmam Planejar e CVM (2019), envolve o princípio de "rentabilizar os recursos alocados, considerando os fatores de risco, liquidez e rentabilidade, enquanto se busca manter a segurança do principal". Em outras palavras, o ato de investir exige o equilíbrio entre potencial de retorno e tolerância ao risco, além de uma visão de longo prazo.

Portanto, poupar é o ponto de partida, enquanto investir é o próximo passo para multiplicar os recursos acumulados e alcançar objetivos mais ambiciosos. Ambos os hábitos, quando integrados a um planejamento financeiro sólido, contribuem para a construção de uma base financeira sustentável e para a realização de projetos futuros.

4.4.7. Entenda o poder dos juros compostos

Os juros compostos são considerados um dos conceitos mais poderosos das finanças, pois permitem que o capital investido cresça exponencialmente ao longo do tempo, com base na reinvestimento dos rendimentos. Segundo Planejar e CVM (2019, p. 111), "o tempo e os juros compostos são aliados essenciais para facilitar o alcance de metas financeiras, permitindo que pequenas contribuições regulares se transformem em grandes montantes".

Robbins (2017) reforça a importância dos juros compostos, explicando que quanto mais cedo começarmos a investir, maior será o efeito multiplicador dos rendimentos, criando um ciclo virtuoso de crescimento patrimonial. Também destaca que o principal erro dos investidores é subestimar o poder do tempo, postergando os aportes e reduzindo os benefícios dos juros compostos.

Para maximizar os benefícios dos juros compostos, é fundamental investir regularmente, escolher aplicações que ofereçam retornos acima da inflação e evitar saques prematuros. Essa estratégia ajuda a proteger o poder de compra e a alcançar objetivos de longo prazo, como a aposentadoria ou a construção de uma reserva financeira robusta.

4.4.7 Busque um consultor financeiro de confiança

A busca por um consultor financeiro qualificado é um dos passos mais importantes para quem deseja organizar suas finanças, investir de forma inteligente e alcançar seus objetivos econômicos de curto, médio e longo prazo. Esse profissional é responsável por oferecer orientações personalizadas, baseadas no perfil do cliente, e auxiliar na elaboração de um planejamento financeiro eficaz.

Segundo Planejar e CVM (2019), o processo de planejamento financeiro deve ser conduzido com um olhar que envolva diversas áreas da vida, considerando aspectos como fluxo de caixa, investimentos, aposentadoria, gestão de riscos, tributos e sucessão patrimonial. No entanto, navegar por essas áreas complexas pode ser desafiador para a maioria das pessoas. É nesse contexto que o consultor financeiro se torna um aliado indispensável.

Ainda conforme a citação anterior, um consultor financeiro não apenas organiza as finanças, mas também ajuda a evitar erros comuns, como a escolha de investimentos incompatíveis com o perfil de risco, o uso inadequado de crédito e a falta de planejamento para imprevistos. Além disso, esse profissional pode atuar como um educador, ensinando boas práticas financeiras que beneficiam o cliente ao longo da vida.

No caso de docentes, que podem enfrentar instabilidade financeira e sobrecarga emocional (Gomes; Soria, 2022; Queiroz, 2023), como qualquer indivíduo, o consultor pode ajudar a equilibrar as finanças e criar um planejamento voltado para a segurança e o bem-estar. Essa relação de confiança permite que o profissional da educação tenha maior

controle sobre sua vida financeira e alcance seus objetivos com mais tranquilidade (Planejar; CVM, 2019).

Em resumo, a escolha de um consultor financeiro de confiança é uma decisão estratégica para quem deseja transformar sua relação com o dinheiro, prevenir erros e conquistar objetivos financeiros sólidos. Assim, a consultoria financeira se torna um pilar para uma vida mais equilibrada e planejada.

4.4.8 Preparando-se para a aposentadoria

Preparar-se para a aposentadoria é um dos passos mais importantes para garantir estabilidade e qualidade de vida no futuro. Esse processo envolve planejamento financeiro consistente, considerando fatores como longevidade, manutenção do estilo de vida e possíveis despesas adicionais que surgem com o passar dos anos, como cuidados com a saúde. Segundo Planejar e CVM (2019, p. 110), “a necessidade e importância do planejamento precoce e consistente para a aposentadoria” são pilares para garantir que os recursos acumulados sejam suficientes para suprir as demandas de longo prazo.

O poder dos juros compostos e a disciplina em poupar ao longo da vida são aspectos cruciais no planejamento para a aposentadoria. Como aponta Planejar e CVM (2019, p. 111), “quanto mais cedo começarmos a poupar, maior será o impacto dos juros compostos, que potencializam a acumulação de recursos”. Esse fenômeno reforça a importância de iniciar o planejamento ainda na juventude, mesmo com pequenas quantias, para aproveitar ao máximo o efeito multiplicador do tempo sobre o capital investido.

Além disso, é fundamental diversificar as fontes de renda para aposentadoria, combinando instrumentos como previdência complementar (PGBL e VGBL), investimentos em ativos de renda fixa e variável, e até mesmo fontes de renda passiva, como aluguéis. A diversificação reduz os riscos e aumenta a segurança financeira no futuro.

Por fim, o planejamento da aposentadoria não se limita ao aspecto financeiro. Ele também envolve reflexões sobre objetivos de vida e prioridades para essa nova fase, garantindo que a transição seja tranquila e bem-sucedida. Como recomenda Planejar e CVM (2019), a aposentadoria deve ser encarada como um projeto de vida, onde cada decisão tomada hoje impacta diretamente o nível de conforto e estabilidade a ser alcançado no futuro.

4.4.9 Sucessão patrimonial

A sucessão patrimonial é um processo essencial para assegurar que os bens de uma pessoa sejam transferidos de maneira organizada e eficiente aos seus herdeiros, evitando conflitos familiares e minimizando custos relacionados a tributos e taxas legais. Esse planejamento deve ser realizado de forma antecipada, considerando aspectos jurídicos, financeiros e tributários. Segundo Planejar e CVM (2019, p. 220), "o planejamento sucessório visa organizar a transmissão do patrimônio, protegendo os interesses dos herdeiros e reduzindo riscos de litígios".

Instrumentos como testamentos, doações em vida, seguros de vida e *holdings* familiares são amplamente utilizados no planejamento sucessório. Cada ferramenta apresenta características específicas, que devem ser escolhidas com base nos objetivos e no perfil do titular do patrimônio. Planejar e CVM (2019, p. 251) destacam que "a escolha do instrumento adequado requer atenção às particularidades das leis de herança e às implicações tributárias envolvidas".

Além de proteger o patrimônio, o planejamento sucessório permite a preservação do legado familiar e a continuidade de negócios. Como observa Planejar e CVM (2019, p. 224), o processo deve considerar "os aspectos patrimoniais do Direito de Família e das Sucessões, assegurando que os interesses dos herdeiros sejam atendidos de forma equitativa".

Em suma, a sucessão patrimonial não é apenas uma questão financeira, mas também um ato de responsabilidade que garante segurança aos herdeiros e preserva o patrimônio para as próximas gerações. Contar com o apoio de especialistas, como advogados e planejadores financeiros, é fundamental para que o processo seja realizado com eficiência e dentro das leis vigentes.

Outros temas poderiam ser incluídos nesta lista de proposições, considerando a complexidade e a abrangência do planejamento financeiro. No entanto, como o objetivo deste trabalho não é esgotar o assunto, recomenda-se o aprofundamento nos temas que atendam às necessidades específicas de cada docente ou grupo. A educação financeira é uma área ampla, repleta de nuances que variam conforme as circunstâncias, objetivos e desafios individuais.

Dessa forma, a busca contínua por conhecimento e o estímulo a práticas financeiras conscientes são fundamentais para que os docentes desenvolvam competências que os auxiliem na preparação do planejamento financeiro. Além disso, espera-se que essas

proposições sirvam como um ponto de partida para iniciativas futuras, promovendo a autonomia financeira dos docentes e contribuindo para uma gestão mais equilibrada de suas vidas pessoais e profissionais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar o nível de educação financeira dos docentes de uma instituição privada de ensino superior localizada na zona norte do Recife e compreender como esse conhecimento influencia seu comportamento financeiro, especialmente nas práticas de poupança e investimento. Partindo da problemática relacionada à instabilidade financeira e à necessidade de uma gestão consciente dos recursos, buscou-se entender como esses profissionais lidam com questões econômicas e quais desafios enfrentam no planejamento de suas finanças.

A pesquisa foi fundamentada em um arcabouço teórico que incluiu conceitos de educação financeira, inteligência emocional e finanças comportamentais, com base em autores como Daniel Goleman (2011), Daniel Kahneman (2012) e Tiago Brunet (2018). Além disso, utilizou-se como referência os princípios estabelecidos pela Planejar – Associação Brasileira de Planejamento Financeiro e pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM), que reforçam a importância do planejamento financeiro estruturado e da disseminação da educação financeira como ferramenta para a construção de um comportamento econômico mais sustentável.

O estudo contou com uma abordagem quantitativa, por meio da aplicação de um questionário estruturado no *Google Forms*, que obteve respostas de 16 docentes dentro de um universo de 56 possíveis participantes. As questões abordaram desde dados demográficos até hábitos de poupança, tipos de investimentos conhecidos e barreiras para investir. Os resultados foram comparados com a 7^a edição da pesquisa ANBIMA – *Raio X do Investidor Brasileiro* (2024), permitindo traçar um paralelo entre o comportamento financeiro dos docentes e o perfil do investidor brasileiro.

Os dados coletados indicam que 100% dos docentes respondentes afirmaram conhecer a poupança, tornando-a o investimento mais familiar para o grupo. Outras aplicações financeiras também foram citadas com frequência significativa, como títulos bancários (81%), previdência privada (68,8%) e títulos públicos via Tesouro Direto (62,5%). Já investimentos de maior complexidade, como fundos de investimento (43,8%), ações na bolsa de valores (43,8%) e moedas digitais (43,8%), foram menos mencionados, mas ainda demonstram um grau razoável de reconhecimento.

Apesar desse conhecimento, a pesquisa revelou dificuldades na adoção de práticas financeiras mais estruturadas, especialmente no que diz respeito à efetiva realização de investimentos. Entre os docentes que participaram do estudo e que não investem, 50% afirmaram que a principal barreira é a condição financeira, enquanto 20% citaram falta de conhecimento sobre o tema. Além disso, 10% indicaram falta de interesse, outros 10% apontaram outras prioridades e 10% afirmaram preferir gastar ou aproveitar a vida, evidenciando diferentes perfis dentro do grupo estudado.

A análise da faixa de renda dos respondentes revelou que 56,3% possuem renda entre R\$ 7.061,00 e R\$ 14.120,00 (5 a 10 salários mínimos), enquanto 25% estão na faixa de R\$ 14.121,00 a R\$ 28.240,00 (10 a 20 salários mínimos) e 18,8% possuem renda acima de R\$ 28.241,00 (mais de 20 salários mínimos). Esses números mostram um perfil de renda superior ao da média nacional identificada na pesquisa ANBIMA, onde apenas 8,9% da população se encontra na faixa de 5 a 10 salários mínimos, 2,1% na faixa de 10 a 20 salários mínimos e apenas 0,6% da população brasileira possui renda acima de 20 salários mínimos.

Além disso, a pesquisa identificou que os docentes pesquisados apresentam preocupação significativa com a aposentadoria, tendência que também se reflete na pesquisa nacional. Contudo, ainda há uma forte dependência da previdência pública e um desconhecimento sobre alternativas complementares, como previdência privada e investimentos de longo prazo.

Com base nesses resultados, este trabalho reforça a importância da educação financeira contínua para docentes, considerando a instabilidade do mercado de trabalho e os desafios específicos enfrentados por essa categoria profissional. Propõe-se que iniciativas como cursos, palestras e mentorias financeiras sejam implementadas nas instituições de ensino, a fim de capacitar os docentes para uma gestão financeira mais eficaz e alinhada a seus objetivos de vida.

A pesquisa cumpriu seu objetivo geral, pois os dados coletados mostraram o nível de conhecimento financeiro dos docentes pesquisados, sua predisposição para poupar e investir, bem como as barreiras enfrentadas, como a influência das condições financeiras e a priorização da segurança financeira sobre investimentos mais sofisticados.

A comparação com a pesquisa da ANBIMA (2024) permitiu situar esse grupo dentro do contexto nacional, evidenciando que esses docentes possuem um nível de educação financeira superior à média brasileira e que isso impacta seu comportamento financeiro,

levando a uma maior diversificação de investimentos e um planejamento mais estruturado para a aposentadoria.

Em relação aos objetivos específicos, a pesquisa revelou que a maioria dos docentes da amostra estudada pratica a poupança regularmente e que há uma relação entre essa prática e o nível de investimentos. Observou-se que os docentes respondentes que possuem maior consciência financeira tendem a diversificar mais seus investimentos e planejar melhor sua aposentadoria. Atingiu-se, assim, o objetivo de investigar qual a relação entre o hábito de poupar e o nível de investimentos dos docentes.

No que tange a compreender o nível do entendimento dos docentes da instituição de ensino superior em relação a investimentos, os dados coletados mostraram que esses docentes possuem conhecimento sobre produtos financeiros e investimentos, com muitos utilizando alternativas além da poupança, como CDBs, títulos públicos e previdência privada. No entanto, ainda há resistência a certos tipos de investimentos mais arrojados.

A respeito da comparação das respostas obtidas com a pesquisa da ANBIMA (2024) o trabalho apresentou uma comparação detalhada entre os dados da pesquisa com os docentes estudados e os dados da ANBIMA (2024), evidenciando semelhanças e discrepâncias, como a maior propensão desses docentes a investir e a sua preocupação com a reserva financeira.

Do ponto de vista de proposição de estratégias ou sugestões para melhorar a educação financeira desses docentes, com foco na promoção de comportamentos financeiros mais saudáveis e conscientes, pode-se dizer que esse objetivo específico foi também alcançado. Embora o trabalho tenha apresentado uma análise robusta do comportamento financeiro dos docentes estudados, as propostas para melhorias na educação financeira trouxeram recomendações que tornam a pesquisa mais aplicada e embasada, conectando a teoria à prática.

Por fim, este estudo não pretende esgotar o tema, mas abre caminho para futuras pesquisas que possam aprofundar a análise sobre o comportamento financeiro dos docentes em diferentes contextos educacionais. Como sugestão para estudos futuros, recomenda-se investigar o impacto da educação financeira formal na tomada de decisões financeiras de docentes, bem como ampliar a amostragem para incluir profissionais de diferentes instituições e níveis de ensino. Além disso, uma análise qualitativa poderia trazer *insights* mais aprofundados sobre as percepções e desafios subjetivos enfrentados por esses profissionais no gerenciamento de suas finanças.

REFERÊNCIAS

ABAYA, Kathleen Joy C. AGUINALDO, Realethlyn A. ASPREC, Alyssa Bea B. BAYLON, Jayson A. DONATO, Joana S. VILORIA, Vivien A. **Practices on Financial Literacy of Teachers in the Schools Division Office of Cabanatuan City.** International Journal of English Literature and Social Sciences Vol-6, Issue-4. 2021. DOI: 10.22161/ijels. Disponível em: https://ijels.com/upload_document/issue_files/25IJELS-107202159-Practices.pdf Acesso em 20 out. 2024

ABREU, Marcelo Jacinto de. et al. **Trabalho e Saúde Mental:** Fatores Associados Ao Estresse Ocupacional Entre Professores Universitários Durante O Ensino Emergencial Remoto. 2024. Disponível em: <https://revista.cpaqv.org/index.php/CPAQV/article/view/1945/1461>. Acesso em 12 out. 2024.

ANBIMA. **Raio X do Investidor Brasileiro - 7º edição.** 2024. Disponível em: https://www.anbima.com.br/pt_br/especial/raio-x-do-investidor-brasileiro.htm. Acesso em: 15 nov. 2024

ANBIMA. **Cresce o número de mulheres investidoras pelo segundo ano consecutivo, aponta ANBIMA.** 2024. Disponível em: https://www.anbima.com.br/pt_br/imprensa/cresce-o-numero-de-mulheres-investidoras-pelo-segundo-ano-consecutivo-aponta-anbima-8A2AB28B8E112845018E191D31190A05-00.htm. Acesso em: 15 Nov. 2024.

ANBIMA. **Mais da metade da população sente alto nível de estresse com as suas finanças, diz pesquisa da ANBIMA.** 2024. Disponível em: https://www.anbima.com.br/pt_br/imprensa/mais-da-metade-da-populacao-sente-alto-nivel-de-estresse-com-as-suas-financas-diz-pesquisa-da-anbima-8A2AB28B8F9D334B018FA042372F199C-00.htm. Acesso em: 17 Nov. 2024.

ANBIMA. **Quem somos.** 2024. Disponível em: https://www.anbima.com.br/pt_br/institucional/a-anbima/posicionamento.htm. Acesso em: 08 set. 2024.

ANBIMA. **Seis em cada dez brasileiros sentem alto nível de estresse com medo de perder as suas atuais fontes de renda, diz pesquisa da ANBIMA.** 2024. Disponível em: https://www.anbima.com.br/pt_br/imprensa/seis-em-cada-dez-brasileiros-sentem-alto-nivel-de-estresse-com-medo-de-perder-as-suas-atauais-fontes-de-renda-diz-pesquisa-da-anbima-8A2AB28B8B4EC612018B6310F6D65AF4-00.htm. Acesso em 17 Nov. 2024.

ANDRIOTTA, Carina T. **Finanças Comportamentais e Vieses nas Decisões de Investimento.** Sorocaba - SP. 2023 Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/19766/CTA%20-%20Dissertação%2020204%20correção%20final%203.4%20%283%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 17 Nov. 2024.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Brasil: Implementando A Estratégia Nacional De Educação Financeira.** 2013. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/pre/pef/port/Estrategia_nacional_Educacao_Financeira_ENEF.pdf. Acesso em: 14 Dez. 2024.

BABBIE, E. **The Practice of Social Research.** 14. ed. Belmont: Wadsworth, 2017. Disponível em: <https://www.scribd.com/doc/95902275/The-practice-of-Social-research-11th-Ed>. Acesso em 20 Nov. 2024

BECK, Judith S. **Terapia Cognitiva:** Teoria E Prática. Porto Alegre: Editora Armed. 2016.

BRIGHAM, Eugene F.; Ehrhardt, Michael C. **Administração Financeira Teoria e Prática** (Tradução da 14º edição norte-americana, 3º edição brasileira) . Cengage Learning Edições Ltda, 2017. E-book. ISBN [13: 978-1-111-97220-2]. Disponível em: https://issuu.com/cengagebrasil/docs/9788522123919_administracao_finance. Acessado em: 15 Nov. 2024.

BRUNET, Tiago. **Dinheiro é Emocional:** Saúde Emocional Para ter paz Financeira. Editora vida, 2018.

CANIËLS, M. C. J., Semeijn, J. H., & Renders, I. H. M. (2018). **Mind the mindset!** The interaction of proactive personality, transformational leadership and growth mindset for engagement at work. Career Development International, Disponível em: <https://doi.org/10.1108/CDI-07-2017-0124>

CARDOSO, M. E.; CALDAS, R. **As Crenças limitantes no Desenvolvimento Cognitivo dos adultos e as contribuições da Terapia Cognitiva Comportamental.** Revista Cathedral, v. 5, n. 4, p. 1-15. 2023. Disponível em: <http://cathedral.ojs.galoa.com.br/index.php/cathedral/article/view/694>. Acesso em 21 out. 2024.

CARVALHO, Mônica. **O avião ainda é a maneira mais segura de viajar?** Veja as estatísticas. Ekonomista. 2018 Disponível em: <https://www.e-konomista.pt/aviao-maneira-mais-segura-viajar/>. Acesso em 17 Nov. 2024

CHOO, C. W. **A Organização do Conhecimento.** 1. ed. São Paulo: SENAC, 2003

CNC. **Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC) .** 2024. Disponível em: https://portal-bucket.azureedge.net/wp-content/2024/04/Analise_Peic_marco_2024.pdf. Acesso em: 22 set. 2024.

CONCEITO, **Economia** - O que é, conceito e definição. Conceito.de. 2021. Disponível em: <https://conceito.de/economia>. Acesso em : 17 Nov. 2024.

COUTINHO, Cileda de Queiroz e Silva; TEIXERA, James. **A educação matemática e o seu papel na construção da educação financeira.** Penteado: Fundação Armando Alvares, 2013. E-book. ISSN 2301-0797. Disponível em : https://funes.uniandes.edu.co/wp-content/uploads/tainacan-items/32454/1168491/Coutinho20_13A.pdf. Acesso em 07 set. 2024.

CREDITAS. **Educação financeira:** dicas para o dia a dia, importância e como estudar. 2024. Disponível em: <https://www.creditas.com/exponencial/educacao-financeira/>. Acesso em 14 dez. 2024.

CRUZ, Karina K da. CARVALHO, Francisval de M. LIMA, André L R. **Finanças Comportamentais:** estudo de atitudes, crenças, valores e vieses em decisões financeiras de estudantes de agronomia e pós-graduandos em uma universidade pública brasileira. 2022. ANPAD. Disponível em: <https://anpad.com.br/uploads/articles/120/approved/42e9fb755426f19231217afb43e1aec1.pdf>. Acesso em 13 out. 2024.

DITA, Aline Wanderley Camisassa. Matos, Thiago de. Ignacio, Fabiana. Ramirez, Rodrigo Avella. **A Educação Financeira como Tema Transversal na BNCC.** SIMPROFI. 2021. Disponível em: <http://www.pos.cps.sp.gov.br/files/artigo/file/1106/34665d0f3ca9b2b66e4676e6d85410f0.pdf>. Acesso em 09 Nov. 2024.

DOMINGUES, João Paulo T. **Educação Financeira:** um estudo do nível de alfabetização financeira dos servidores docentes do Instituto Federal do Sul de Minas Gerais. Itajubá - MG. 2024. Disponível em: <https://repositorio.unifei.edu.br/jspui/handle/123456789/4093>. Acesso em: 20 Nov. 2024.

DOMINGOS, Reinaldo Aparecido. Educação Financeira Uma Ciência Comportamental. **RECIMA21** - Revista Científica Multidisciplinar. 2022 - ISSN 2675-6218, *[S. l.], v. 3, n. 4, p. e341217, 2022.* DOI: 10.47820/recima21.v3i4.1217. Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/1217>. Acesso em: 8 set. 2024.

DUEK, C. **Mindset:** A nova psicologia do sucesso (T. Duarte, Trad.). 2018 Objetiva. Disponível em: <https://editoracamphar.com.br/wp-content/uploads/2020/06/Mindset-A-Nova-Psicologia-do- Sucesso-Carol-Dweck1.pdf.pdf>. Acesso em 20 Nov. 2024

FRABASILE, Daniela. **Número de mulheres que investem em renda variável aumenta 658% em 5 anos na B3.** 2024. Disponível em: <https://borainvestir.b3.com.br/noticias/numero-de-mulheres-que-investem-em-renda-variavel-aumenta-658-em-5-anos-na-b3/>. Acesso em 15 Nov. 2024.

GIL, Antonio C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**, 7^a edição. Rio de Janeiro: Atlas, 2019. E-book. p.26. ISBN 9788597020991. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788597020991/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2011. E-book. ISBN 978-85-390-0191-0 Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1RKL5bp5Jf5JbBJmeGgVXqKCd18pHLQ0w>. Acesso em: 10 Nov. 2024

GOMES, Darcilene. C.; SORIA, Sidartha. **Reforma Trabalhista e Trabalho Docente no Ensino Superior Privado no Brasil**. Cadernos de Pesquisa, v. 52, p. e08714, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/Vn7xWq73MxmbkVkJLvsKydz/#>. Acesso em 09 Nov. 2024.

GUIA, M. C.; SOARES, J. L. J.; GOMES, D. W. R.; CHRISÓSTOMO, E.. **Finanças comportamentais: a relação entre o nível de educação financeira e os vieses cognitivos**. Entrepreneurship. 2023. Disponível em: <https://sustenere.inf.br/index.php/entrepreneurship/article/view/8282>. Acesso em 12 out. 2024.

IBGE. **Quantidade de homens e mulheres**. 2022 Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html#:~:text=Os%20resultados%20do%20Censo%20Demogr%C3%A1fico,%20popula%C3%A7%C3%A3o%20residente%20no%20pa%C3%ADs>. Acesso em: 22 fev. 2025.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Sinopse estatística da educação superior**. Inep. 2015. Disponível em: https://download.inep.gov.br/informacoes_estatisticas/sinopses_estatisticas/sinopses_educacao_superior/sinopse_educacao_superior_2015.zip. Acesso em: 09 Nov. 2024.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Sinopse estatística da educação superior**. Inep. 2019. Disponível em: https://download.inep.gov.br/informacoes_estatisticas/sinopses_estatisticas/sinopses_educacao_superior/sinopse_educacao_superior_2019.zip. Acesso em 09 Nov. 2024.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Diferença salarial entre trabalhadores com ensino superior e médio chega a quatro vezes**. 2023. Disponível em : <https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/13795-diferenca-salarial-entre-trabalhadores-com-ensino-superior-e-medio-chega-a-quatro-vezes> Acesso em: 27 out. 2024.

KAHNEMAN, Daniel.. **Rápido e devagar**: duas formas de pensar. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2012. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5658450/mod_resource/content/1/kahneman-daniel-rapido-e-devagar-duas-formas-de-pensar.pdf. Acesso em 17 Nov. 2024.

LIMA, Aline P. Lins de; REIS, Luciana B.; TREVISAN, Nanci M.; *et al.* **Comportamento do consumidor**. Porto Alegre: Grupo A, 2020. E-book. ISBN 9786581492144. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786581492144/>. Acesso em: 24 ago. 2024

LUSARDI, Annamaria. Mitchell, Olivia S. **The Economic Importance of Financial Literacy: Theory and Evidence.** Cambridge, MA. 2013. Disponível em: https://www.nber.org/system/files/working_papers/w18952/w18952.pdf. Acesso em: 15 Nov. 2024

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7710716/mod_resource/content/1/Fundamentos%20de%20metodologia%20cient%23%ADfica.pdf. Acesso em: 20 Nov. 2024.

NORGREN, Maria de B. P. SOUZA, Rosane M. de. KASLOW, Florence. HAMMERSCHMIDT, Helga. SHARLIN, Shlomo A. **Satisfação conjugal em casamentos de longa duração:** uma construção possível. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300020>. Acesso em: 21 fev. 2025

PLANEJAR, Associação Brasileira de Planejadores Financeiros. CVM, Comissão de Valores Mobiliários. **TOP Planejamento Financeiro Pessoal.** Rio de Janeiro. 2019. Disponível em: https://www.gov.br/investidor/pt-br/educacional/publicacoes-educacionais/livros-cvm/livro_to_p_planejamento_financeiro_pessoal.pdf/view. Acesso em: 14 dez. 2024

PNE, Plano Nacional de Educação, 2020. **Relatório do 3º Ciclo de Monitoramento das Metas do Plano Nacional de Educação (PNE).** INEP. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-institucionais/plano-nacional-de-educacao/relatorio-do-3o-ciclo-de-monitoramento-das-metas-do-plano-nacional-de-educacao-2020>. Acesso em 10 nov. 2024

QUEIROZ, Cristina. **Profissão Docente em Risco.** Revista de pesquisa FAPESP. 2023. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2023/09/018-019_capa-licenciaturas_33_2-parte-2.pdf. Acesso em 11 Nov. 2024.

ROBBINS, Tony. **Dinheiro domine esse jogo:** 7 passos para a liberdade financeira. 1th edição. Rio de Janeiro. Editora: Best Seller. Rio de Janeiro. 2017 Disponível em: <https://euamolivros.com/wp-content/uploads/2024/08/Dinheiro-domine-esse-jogo-1.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2024

SENADO, Agência. **Projeto inclui educação financeira no ensino básico das escolas.** Brasília - DF. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2024/01/15/projeto-inclui-educacao-financeira-no-ensino-basico-das-escolas>. Acesso em: 22 set. 2024.

SEVERINO, Antônio J. **Metodologia do trabalho científico.** 24th ed. São Paulo: Cortez Editora, 2017. E-book. p.131. ISBN 9788524925207. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788524925207/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

SIGNIFICADOS. 2024. **Prosperidade**. Enclopédia significados. 2024. Disponível em: <https://www.significados.com.br/prosperidade/#:~:text=Prosperidade%20%C3%A9%20o%20estado%20ou,de%20contentamento%20e%20estabilidade%20emocional>. Acesso em: 12 out. 2024.

SIMON, H. A. **Rational Decision Making in Business Organizations**. The American Economic Review, v. 69, n.4, p.493–513, 1979. Disponível em: https://huascarpessali.weebly.com/uploads/3/1/7/5/3175476/simon_1979.pdf Acesso em: 17 Nov. 2024

SMITH, Adam. **The wealth of nations**. 1779. Disponível em: <https://archive.org/details/WealthOfNationsAdamSmith/page/n1/mode/2up>. Acesso em: 17 Nov. 2024

SOLOMON, Michael R. **O comportamento do consumidor**. 11º edição. Porto Alegre: Bookman, 2016. E-book. p.72. ISBN 9788582603680. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788582603680/>. Acesso em: 10 nov. 2024.

TERRA. **Consumidor deve comprometer no máximo 30% da renda com dívidas**. 2012. Disponível em: https://www.terra.com.br/economia/consumidor-deve-comprometer-no-maximo-30-da-renda-com-divididas,c5b824b095831410VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html?utm_source=clipboard. Acesso em 14 dez. 2024.

THALER, R. H.; SUNSTEIN, C. R. **Nudge**. Edição ampliada e revisada. Kindle. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2023. ISBN-13: 9788547000806 Disponível em: <https://asdocs.net/2MWwM?DownPageLink=true&pt=bGQ4a2l4MWxnQmx1ZE9MMUNNTHFJM2RhY0dSbWVWQnFhU3RzWVd4NFQxRktjMmhMVWtFOVBRPT0%3D>. Acesso em: 17 Nov. 2024

TVERSKY, A.; KAHNEMAN, D. **Judgment under Uncertainty**: Heuristics and Biases. Science. Washington, v 185, n. 4157, p. 1124–1131, 27 Set 1974. Disponível em: <https://vdoc.pub/download/judgment-under-uncertainty-heuristics-and-biases-5ge995t6ekj0>. Acesso em 17 Nov. 2024.

TVERSKY, A.; KAHNEMAN, D. **The framing of decisions and the psychology of choice**. Science, Washington, 211, n. 4481, 30 Jan 1981. p. 453-458. Disponível em: <https://psych.hanover.edu/classes/Cognition/Papers/tversky81.pdf>. Acesso em: 17 Nov. 2024.

RAPÓSO, Claudio F. P. **Impactos da Mentalidade de Crescimento**: Caminhos para a Felicidade e a Realização Pessoal. Revista tópicos 2024 DOI: 10.5281/zenodo.13905332 Disponível em: <https://revistatopicos.com.br/artigos/impactos-da-mentalidade-de-crescimento-caminhos-para- a-felicidade-e-a-realizacao-pessoal>

WALRAS, Léon. **Elements of Pure Economics: Or, The Theory of Social Wealth.** 1874.
Disponível em: https://archive.org/details/elements-of-pure-economics_Leon-Walras/page/17/mode/2up.
Acesso em 17 Nov. 2024.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

Seção 1 de 5

Investimentos e educação financeira no ensino superior: Um estudo com docentes de uma instituição privada

B I U ↲ ✖

Esta é uma pesquisa de conclusão de curso que visa analisar o nível de educação financeira e comportamento financeiro dos docentes da Faculdade Damas.

Sei que o tempo de um professor é escasso e valioso. Valorizo cada minuto investido aqui. Esta pesquisa ajudará a formular respostas para uma pesquisa de TCC e futura proposição a tomada de decisão em relação as finanças. desta forma solicito encarecidamente, reserve cinco minutos para preencher nosso questionário, agradecemos antecipadamente. Lembrando que esta é uma pesquisa confidencial onde os dados seram tratados estatisticamente. desde já meu obrigado!



Seção 2 de 5

Dados demográficos

Descrição (opcional)

Estado civil *

Solteiro;
 Casado;
 Separado;
 Viúvo.

Qual seu gênero? *

Masculino;
 Feminino;
 Não sabe ou me recuso.

Qual a sua faixa etária? *

Gerações conforme o blog Rockcontent

Até 28 anos (Gen. Z);
 De 29 até 43 anos (Gen. Y - Millennials);
 De 44 até 63 anos (Gen. X);
 De 64 até 83 anos (Baby Boomers).

Qual a sua faixa de renda familiar? *

Baseado na pesquisa ANBIMA com atualização do salário mínimo

- Até R\$ 1.412,00;
- De R\$ 1.413 até R\$ 2.824,00;
- De R\$ 2.825,00 até R\$ 4.236,00;
- De R\$ 4.237,00 até R\$ 7.060,00;
- De R\$ 7.061,00 até R\$ 14.120,00;
- De R\$ 14.121,00 até R\$ 28.240,00;
- De R\$ 28.241,00 até R\$ 70.600,00;
- R\$ 70.601,00 ou mais;

Seção 3 de 5

Perfil do investidor



Nesta seção buscamos sondar a profundidade do conhecimento sobre produtos financeiros e hábitos de poupança.

Motivos para quem não investe **começar** a fazer aplicações financeiras. - Marque o principal motivo.

Aqui buscamos conhecer os hábitos dos que não tem costume de poupar nem de investir. **Se você for uma pessoa que tem o hábito de poupar e investir pule essa etapa!**

- Ter segurança financeira;
- Poder consumir;
- Abrir ou aumentar um negócio;
- Investir na saúde;
- Melhorar a qualidade de vida;
- Ajudar a família;
- Investir em imóveis;
- Acredita no país ou que será um ano melhor para a economia;
- Não sabe.

Motivos para quem não investe continuar **NÃO** aplicando o dinheiro - Marque o principal motivo.

- Condições financeiras;
- Insegurança;
- Falta de interesse;
- Outros planos e prioridades;
- Falta de conhecimento;
- Futuro é incerto ou não sabe o que vai acontecer no futuro;
- Devido à idade ou por ter idade avançada;
- Prefere gastar ou aproveitar a vida;
- Não sabe.

Quais tipos de investimentos você conhece atualmente? *

Se você não conhecer nenhum tipo de investimento marcar apenas a opção "Não conheço sobre investimentos"

- Poupança;
- Títulos bancários (CDB, LCI, LCA, etc)
- Fundos de investimentos;
- Ações na bolsa de valores;
- Título público via tesouro direto;
- Título de empresas privadas
- Previdência privada (PGBL ou VGBL);
- Moeda estrangeira;
- Moeda digital;
- Investimentos não financeiros (exemplo: imóveis e outros);
- Não conheço sobre investimentos.

Quais tipos de investimentos você possui atualmente? *

Se você não possuir nenhum tipo de investimento marcar apenas a opção "Não posso investimentos".

- Poupança;
- Títulos bancários (CDB, LCI, LCA, etc)
- Fundos de investimentos;
- Ações na bolsa de valores;
- Título público via tesouro direto;
- Título de empresas privadas;
- Previdência privada (PGBL ou VGBL);
- Moeda estrangeira;
- Investimentos não financeiros (exemplo: imóveis e outros);
- Não posso investimentos.

Qual o principal meio que você busca informações sobre investimentos? - Marque o principal.

*

- Falando com o gerente ou assessor presencialmente;
- Amigos ou parentes;
- Aplicativos e sites do bancos, ou corretoras de investimentos;
- Sites de notícias;
- Com influenciadores financeiros;
- Consultora ou casa de análises de investimentos;
- Portais, fóruns de investimentos e blogs;
- Não me interesso sobre o assunto ou não busco informações.
- Outros;

Principal canal por onde investe em produtos financeiros?

- Aplicativo do banco;
- Pessoalmente no banco;
- Site do banco;
- Aplicativo da corretora;
- Telefone do banco;
- Site da corretora.

Qual o principal objetivo do investimento?

- Comprar um imóvel ou casa própria;
- Manter aplicado, ter dinheiro guardado para reserva ou por segurança;
- Fazer uma viagem, passeio ou lazer;
- Comprar um carro, moto ou caminhão;
- Usar na velhice ou aposentadoria;
- Investir em um negócio próprio;
- Educação (para estudo próprio ou parente);
- Deixar para os filhos (Herança);
- Construir ou reformar a casa;
- Pagar contas ou dívidas;
- Investir em saúde, plano de saúde ou cuidar da saúde;
- Lucro ou aumentar o rendimento;
- Não invisto atualmente.

Seção 4 de 5

Atitudes de economia.



Descrição (opcional)

Principal postura adotada para conseguir economizar *

- Reduções de gastos por ter deixado de sair;
- Controle das despesas, com a adoção de um planejamento financeiro e de gastos;
- Guardou parte do salário todo mês;
- Controlou despesas;
- Pesquisou preços para comprar coisas mais baratas;
- Não fez dívidas;
- Trabalhou mais;
- Não tenho o hábito de economizar.

Para onde foi o dinheiro economizado? *

- Aplicou em produto financeiro;
- Guardou em conta corrente, ainda não fez nada ou está guardado;
- Comprou imóvel, casa própria ou terreno;
- Comprou carro, moto ou caminhão;
- Reformou ou construiu uma casa;
- Investiu em negócio próprio ou aumentou o capital de giro;
- Acabou gastando nas despesas da casa ou aluguel;
- Pagou dívidas;
- Outros.

Na sua opinião quais vantagens de aplicar o dinheiro em produtos financeiros? *

- Segurança financeira;
- Retorno financeiro;
- Poder retirar o dinheiro em caso de necessidade;
- Economia ou não perder o controle dos gastos;
- Aplicar, comprar, investir em bens ou alcançar objetivos;
- Nenhuma vantagem;
- Não sabe.

Seção 5 de 5

Aposentadoria



Esta seção visa entender como está sua perspectiva em relação a sua renda na aposentadoria.

Você já começou a poupar para a aposentadoria? *

- Ainda não e nem pretendo;
- Ainda não, mas pretendo;
- Já comecei uma reserva.

De onde virá o principal sustento na aposentadoria (expectativa). *

- Previdencia pública (INSS);
- Do se salário ou continuar trabalhando;
- Aplicações financeiras, como título público, mercado de ações, renda fixa, câmbio, Poupança;
- Previdência privada;
- Aluguel dos imóveis que possui;
- Das economias que possui;
- Família ou filhos ajudará no sustento;
- Não sabe.

(Já aposentados). De onde vem o principal sustento da aposentadora?

- Previdência pública (INSS);
- Aluguel dos imóveis que possui;
- previdência privada;
- Do salário ou continuo trabalhando;
- Família ou ajuda dos filhos;
- Aplicações financeiras, como título público, mercado de ações, renda fixa, câmbio, Poupança;
- Pensão do conjugue;
- Não sabe.

Em qual idade você se planeja se aposentar? *

- Entre 40 a 50 anos;
- Entre 51 a 60 anos;
- Entre 61 a 70 anos;
- Entre 71 a 80 anos;
- Acima dos 80 anos.